

Revista de Ensino

ANNO XIV

JUNHO DE 1915

N.º 1

~~XXXX~~

São Paulo, Junho de 1915.

Damos, a seguir, algum dos topicos á Introducção do Relatório do movimento da Escola Normal de São Carlos, durante o anno lectivo de 1914, apresentado, ao Exmo. Sr. Dr. Secretario dos Negocios do Interior, pelo professor sr. Juvenal Penteado, director interino daquella escola :

Do Curso de Psychologia Experimental

O curso d'esta disciplina, iniciado em 1915, não passou, nesse anno, de um simples campo de experimentação e adaptação, devido não só á deficiencia de livros e apparatus como ás difficuldades proprias a todas as materias extranhas ao meio em que são introduzidas. Apesar d'isso, já nesse primeiro anno os resultados foram muito além do que se poderia esperar.

Quando essa disciplina foi introduzida no curso, afigurou-se a muita gente que ella viria constituir mais um elemento de perturbação do que um auxiliar proveitoso na preparação dos futuros mestres, sob pretexto de que os alumnos, sobretudo os do 1.º anno, não tinham o preparo necessario para empreender o estudo de uma sciencia tão abstracta. Tal supposição não podia, porém, partir sinão de pessoas mal orientadas sobre o methodo applicado a esse estudo, como propedeutica a um curso de pedagogia.

Adaptada convenientemente ás exigencias do curso normal e apresentada ao alumno sob o ponto de vista pratico, puramente experimental, sobretudo em seu inicio, a psychologia é uma sciencia francamente accessivel, ainda mesmo aos alumnos de mediano preparo. De posse dos conhecimentos, ainda que rudimentares, dos phenomenos psychicos, o horizonte intellectual do alumno se alarga no dominio das especulações profissionais, e, ao entrar no campo da doutrina pedagogica, a materia se lhe afigura um prolongamento, sem solução de continuidade, dos estudos anteriormente feitos.

Ao curso de psychologia podemos attribuir, nesta Escola, a extraordinaria facilidade que os professores têm encontrado em suas classes, em relação ao ensino da pedagogia e methodologia.

Anteriormente á criação da cadeira de psychologia experimental, o ensino dessa disciplina estava affecto á cadeira de pedagogia e, ahí, constituia mais um estorvo do que um proveito, por isso que, devido á completa insufficiencia de tempo para o desenvolvimento das materias que a sobrecarregavam, a cadeira se limitava, nessa parte do seu programma, a noções puramente racionais e, portanto, ás mais das vezes, fóra do alcance dos alumnos.

Infelizmente o gabinete de psychologia da Escola não dispõe ainda sinão dos apparatus adquiridos na epoca de sua installação. São apparatus sufficientes para um curso regular, porém muito imperfeitos. A segunda encomenda feita na Europa foi interceptada pela guerra, e é provavel que, tão cedo, não nos possa chegar ás mãos.

Além do serviço prestado ao curso normal, o gabinete tem fornecido, todos os annos, os dados para a ficha anthropometrica dos alumnos da escola-modelo annexa, a qual foi instituida por esta directoria em 1913, conforme o modelo junto a este relatório, como uma tentativa para a systematisação desse serviço no nosso meio escolar.

Da collocação dos alumnos nas classes, pela ordem das médias de promoção

De conformidade com o regulamento, os alumnos do curso normal tomam assento, nas classes, pela ordem das médias de promoção dos annos anteriores, cabendo os primeiros logares aos que têm médias mais elevadas.

Essa disposição do regulamento acha-se, porém, em completo desaccordo com os preceitos que esses mesmos alumnos recebem nas aulas de pedagogia.

Nas escolas primarias a collocação das crianças se faz geralmente pela ordem de altura. E' um criterio muito justo, como medida geral, visto que, com essa disposição, se consegue evitar que os maiores interceptem a vista aos menores, ou occultem estes á vigilancia do professor. Esse criterio não deve, porém, ser applicado de um modo absoluto. por isso que, em todas as classes, ha sempre um certo numero de crianças anormaes, principalmente em relação á visão, á audição e á percepção, as quaes, de accordo com os preceitos pedagogicos, en-

sinados nos cursos normaes, devem ser collocadas nas classes, de maneira a conseguir-se, tanto quanto possivel, attenuar as suas imperfeições organicas.

Tem-se notado, pelo confronto das observações feitas, em relação aos dados anthropometricos das classes do curso normal e do curso annexo, que certas anomalias physiologicas na visão e na audição são mais frequentes nos adultos do que nas crianças.

Não ha, pois, motivo para se limitar ao curso primario o criterio de se attender tambem ás condições physiologicas do alumno para se determinar a sua collocação em classe. Não é justo que um alumno que vê pouco, ou antes, que vê menos do que os seus collegas, esteja collocado em ultimo logar, pelo simples motivo de haver tido notas inferiores ás suas no anno anterior, por isso que a inferioridade das suas notas póde ter sido occasionada mais pela sua anomalia organica do que pela differença de esforço ou mesmo de intelligencia.

Si a disposição regulamentar visa, creando esse privilegio, estabelecer um premio aos alumnos mais applicados, ainda assim ella não procede, porquanto o regimen do premio material como estimulo, em qualquer systema de educação, está condemnado em face da doutrina pedagogica contemporanea, que nega o valor de qualquer recompensa, que não resida, na ordem dos factos materiaes, no interesse immediato do esforço, e, na ordem dos factos moraes, na satisfação de dever cumprido.

Tal disposição regulamentar é, pois, anti-pedagogica, e não deve existir no regulamento de um curso normal. Em materia de ensino, a pratica deve prevalecer sobre a theoria e por isso devemos estabelecer, nas classes normaes, tudo quanto os futuros mestres terão de mais tarde praticar nas suas escolas.

E, quanto á collocação dos alumnos, o melhor criterio é o da disposição por ordem de altura, como medida geral, fazendo-se excepção para os anormaes, que deverão ser collocados na posição que lhes for mais favoravel, de conformidade com a sua anomalia physiologica.

O Ensino de musica

A aula d'esta disciplina tem merecido especial attenção da parte d'esta directoria.

Como é sabido, uma das falhas de que não pouco se sente o nosso ensino primario, consiste na falta de habilitação dos professores para fazer o ensino pratico de musica nas classes infantis. Todos os professores, tanto normalistas como comple-

mentaiistas, tiveram o seu curso de musica e, no entanto, nenhum se acanha de confessar a sua completa insufficiencia nessa materia.

Isso parte do preconceito muito generalizado de que para o estudo pratico da musica é preciso que o individuo seja dotado de aptidão especial. Esse modo de pensar teria a sua razão de ser si se tratasse da formação de artistas, num curso de conservatorio. Tal rão é, porém, o objectivo do estudo de musica nos cursos normaes, onde apenas se tem em vista a preparação de professores e professoras para ensinar canto e solfejo nas classes primarias. Exercitar-se no canto e no solfejo é uma coisa perfeitamente accessivel á generalidade dos individuos.

É muito curioso que se possa ensinar musica sem canto e sem solfejo. A propria definição da musica nos mostra o quanto são irracionaes certas lições de nomenclatura musical, que se dão nas escolas, com o titulo de lições de musica. A creança aprende o que é pauta, o que é compasso, o que são notas, estuda o valor das notas, divide compassos, mas no fim do curso é incapaz de solfejar o mais simples exercicio que se lhe apresenta.

Em relação ao canto, nota-se que nas classes regidas por professoras, ainda se faz alguma cousa. E isso é devido, sem duvida, á inclinação natural que as mulheres teem para o canto, o que até certo ponto influe na sua preparação para o ensino. Nas escolas isoladas pode-se dizer que o ensino de musica não existe.

E, no entanto, o ensino de musica bem orientado, é um dos melhores instrumentos de educação. A creança gosta de cantar. O canto brota-lhe espontaneamente dos labios. O professor avisado deve aproveitar-se d'essa disposição natural para encaminhal a na cultura do sentimento esthetico.

Mas, para isso, é preciso primeiro preparar o mestre, e o melhor meio para o conseguirmos é acabar com o preconceito de que para estudar canto e solfejo se requerem aptidões especiaes, e fazer pratico o ensino d'essa disciplina nas escolas normaes, de maneira a habilitar os futuros professores a processar racionalmente o ensino nas classes primarias.

Nesta escola, desde a installação da aula, tem se procurado dar ao curso um cunho inteiramente pratico. Houve, no começo, grande relutancia da parte dos alumnos, que attribuiram desde logo á falta de aptidões especiaes o seu pouco successo no estudo da materia. Graças, porém, á perseverança e á dedicação do professor, o estudo se tem feito regularmente e como maior proveito. E é mesmo notavel o prazer com que os alumnos se dedicam aos exercicios oraes de canto e solfejo, que, dantes, lhes causavam tanta aversão.

Da insufficiencia do tempo destinado ao ensino da mathematica

Na sessão da Congregação de 27 de Novembro do anno p. passado, os lentes da 5.^a e da 6.^a cadeira, representaram á mesa sobre a insufficiencia do tempo destinado ao ensino das materias a seu cargo.

O horario regulamentar consigna tres horas semanaes, respectivamente, para o ensino de arithmetica e algebra, no 1.^o anno, e de geometria e trigonometria, no segundo.

Tratando-se de uma das disciplinas mais importantes do curso, o seu ensino deve ser collocado em condição de se poder conseguir o maximo de aproveitamento. O tempo consignado no regulamento é, de facto, exiguo, sobretudo si levarmos em consideração a deficiencia de preparo com que os alumnos entram para a Escola.

Como é sabido, os candidatos são admittidos á matricula no 1.^o anno mediante um exame de admisão, em que os resultados são obtidos pelo conjuncto das provas apresentadas. Nesse conjuncto, tem-se notado que a materia em que os candidatos se acham menos habilitados é sempre a mathematica. Percebe-se, mesmo, em relação ás melhores provas, que os examinandos sabem a arithmetica que lhes foi ensinada, isto é, uma série de assumptos, que são capazes de expôr com mais ou menos correcção, porém em relação aos quaes são incapazes de fazer o mais ligeiro raciocinio. Isso se nota claramente todas as vezes que a prova versa sobre quesões praticas, que não têm rótulo nos capitulos estudados.

A ampliação do tempo, destinado ao curso, é o meio mais conveniente para remediar o mal. A concessão de mais de uma hora por semana, como pedem os cathedrauticos, é uma medida perfeitamente applicavel, principalmente em se tratando de materias do 1.^o anno e do 2.^o, cujos horarios são folgados. Esse augmento de tempo, não só não acarreta uma sobrecarga para os alumnos, como até constitue para elles um beneficio, visto que, com a ampliação do tempo, o curso se tornará mais suave.

Das exposições escolares

Durante dois annos consecutivos se seguiu nesta Escola a praxe de se fazer no fim do anno lectivo a exposição dos trabalhos escolares. Tendo, porém, rotado que não eram bem comprehendidos pelo publico os fuis dessas exposições, resolvi renunciar ao proposito até então seguido.

Uma exposição escolar visa naturalmente dois fins: levantar os créditos da escola no conceito publico, por meio dos resultados apresentados, e acoroçar os alumnos e professores em seus esforços, por meio do interesse de verem os seus bem apreciados pelos visitantes.

Ora, tem-se observado que essas exposições, não só não atingem o fim visado, como até são de resultados contraproducentes.

O publico, como se sabe, não tem competencia para julgar, em casos desta natureza. O leigo, que vai visitar uma exposição escolar, quer ali encontrar cousas bonitas, bem acabadas, artefactos finos, tudo, enfim, que possa satisfazer o seu gosto profano, com uma boa dose de luxo por cima, e sem nenhuma preocupação de ordem pedagogica. Os trabalhos expostos são julgados mais como fim do que como meio.

Para que a exposição seja bem julgada é necessario que agrade ao meio e, para que o agrade, é preciso que se sacrifique o ensino, orientando-o pelo criterio do publico.

Assim, pois, si a exposição visar impressionar a opinião publica sobre o valor pedagogico do estabelecimento, ella será necessariamente mal julgada, e o seu resultado, portanto, contraproducente.

Em muitas escolas as exposições fazem época. O publico, que as visita, sae encantado, e os créditos do estabelecimento crescem no seu conceito.

Fossem, porém, essas exposições visitadas por profissionais, que o resultado seria inteiramente outro. Em tudo quanto se vê nota-se a preocupação constante de fazer figura. E disso é que resulta o maior mal das exposições escolares entre nós. Por mais que procuremos dar ao ensino o cunho pedagogico que deve ter, notamos sempre, desde o começo do anno lectivo, a preocupação, não só da parte dos alumnos, como dos professores, sobretudo em relação ás aulas das materias praticas, de preparar trabalho para a exposição, com inteiro prejuizo do valor educativo das respectivas disciplinas.

O professor não quer ser mal julgado, e, por isso, adopta um meio termo entre a sua opinião profissional e a opinião publica.

E, por melhor que seja a fiscalizacão, por mais que se esforce o director, lá está sempre a exposição final como principio orientador do ensino no estabelecimento.

Nas cidades onde ha duas escolas de igual categoria, como sejam dois grupos, por exemplo, a rivalidade, que sempre existe, entre os dois estabelecimentos, vem accentuar ainda mais os males resultantes da pratica das exposições finais.

A meu ver, a exposição escolar entre nós, é um elemento verdadeiramente perturbador do ensino, e que conviria banir da escola, pelo menos emquanto o nosso meio não tiver a cultura necessaria para lhe attribuir o seu justo valor.

Exceptuando as escolas da Capital, onde o meio é outro, podemos afirmar que o valor pedagogico do ensino, feito num estabelecimento, está na razão inversa do brilho da exposição.

A vista do exposto, esta directoria supprimiu as exposições neste estabelecimento, até que o meio as possa julgar sem prejuizo para os créditos do mesmo, e sem o desgosto, que sempre resulta para os professores e os alumnos, da falsa apreciação dos seus esforços.

Do Curso Preliminar Anexo

Iniciado em 1912, o curso anexo se tem desenvolvido por partes, com a installação, annualmente, de duas classes, uma para cada secção, de modo que em 1914 as classes funcionaram apenas até o 3.º anno.

A frequencia em 1912 deixou muito a desejar. Havia, da parte dos paes o preconceito de que, sendo a escola destinada á pratica dos alumnos do curso normal, o ensino ali deveria ser de resultado muito duvidoso, devido á perturbação resultante das aulas de pratica. Foi, pois, com grande difficuldade que se conseguiu obter um numero razoavel de creanças para installar as duas primeiras classes.

No anno seguinte a frequencia melhorou sensivelmente e, em 1914, os pedidos foram em tal quantidade que, em grande parte, não puderam ser attendidos; a escola estava rehabilitada no conceito publico.

Devido á insufficiencia do edificio, as 6 classes installadas continuaram, como no anno anterior, a funcionar em dois periodos, a secção masculina das 8 ás 12 hs., e a feminina das 12 ás 16.

Esta directoria não tem poupado esforço para que o curso anexo possa corresponder de uma maneira completa ao fim a que é destinado. Devendo servir de campo de observação aos alumnos da Escola Normal, a Escola Modelo deve apresentar, não só no conjuncto da sua organisação, como nos menores detalhes da sua installação, um modelo capaz de proporcionar aos futuros professores uma fonte de informações sobre tudo quanto lhes possa ser de utilidade pratica.

Uma das lacunas mais sensiveis do nosso ensino primario consiste na falsa comprehensão, da parte do professor, do que

seja o methodo intuitivo. Para se ajuizar do facto, basta entrar em qualquer escola e perguntar ao professor qual é o seu methodo de ensino. Elle responderá immediatamente que, na sua classe, se applica o methodo intuitivo e fará até a apologia do mesmo, como o unico compativel com o grau de ensino ministrado.

No emtanto a sua sala de aula, a não serem as carteiras, a mesa, o quadro-negro e, quando muito, uma flôr, está completamente vazia de cousas. E' que para esse professor o methodo intuitivo consiste, essencialmente, em encaminhar o espirito da creança, de modo a fazel-a descobrir por si mesma o que se lhe quer ensinar. Isso é a pratica de um alto preceito pedagogico, porém não é applicação do methodo intuitivo, cuja primeira phase deve ser, necessariamente, no dominio do concreto, e visar, como um dos seus fins essenciaes, a educação dos sentidos.

E' preceito pedagogico comezinho que, nas classes preliminares, principalmente no primeiro anno, o professor deve falar pouco e mostrar muito. E mostrar de modo que a creança possa perceber, não sómente pela visão e pela audição, mas pelo concurso de todas as suas faculdades sensitivas. Essa é a educação pelas *cousas*, a que verdadeiramente põe o educando em relação com o mundo exterior e o induz á observação e á analyse.

Não é isso, entretanto, o que geralmente observamos nas nossas classes primarias. O nosso ensino ainda não perdeu completamente o seu caracter livresco, pois que, o livro banido, foi substituido pelo professor. A lição falada substituiu a lição escripta. O professor fala muito e mostra pouco, pois quasi nada existe em sua classe, que possa ser apresentado á observação directa da creança. E, muitas vezes, com a preocupação de fazer o alumno descobrir por si mesmo o que lhe quer ensinar, desenvolve o professor uma argumentação, que, por mais simples e clara que seja, sempre dá á lição um certo cunho de dialectica, muito pouco proprio para facilitar a comprehensão de um facto que se deseja fazer assimilar por intuição, como tive occasião de observar asistindo uma aula em que o professor se esforçava para ensinar á classe a relação que ha entre o litro e o metro.

E si chamarmos a sua atenção para esse facto e lhe fizermos notar a falta de material para o ensino intuitivo, lançará elle logo a culpa á Camara Municipal ou ao Governo, aos quaes já recorreu tantas vezes, sem que nada pudesse conseguir. Resulta isso da falsa idéa, muito generalizada no nosso meio, de que qualquer especie de material escolar, um pequeno museu

de historia natural, por exemplo, não se pode obter sinão importado do estrangeiro.

Nada mais facil, no emtanto, do que organizar, com o concurso das proprias creanças, um museu escolar gratuito, e, incontestavelmente, muito mais proveitoso do que qualquer outro importado de fóra, não só por ser constituido de objectos e cousas da região e do paiz, como por offerecer um excellent meio de encaminhar a actividade das creanças para a pratica das pesquisas uteis e instructivas.

No intuito de fazer com que as classes do curso annexo possam off-rececer aos praticantes um verdadeiro modelo para a installação das suas futuras classes, esta directoria instituiu um pequeno museu em cada sala de aula, organizado pelo professor e pelos alumnos, e devendo conter tudo quanto possa ser objecto de estudo numa classe preliminar, como sejam amostras de vegetaes; plantas, sementes e fructos; de substancias animaes e vegetaes, classificadas e arrançadas em séries; e variadas colleções de artigos manufacturados, mostrando as diversas modificações por que a industria faz passar os productos naturaes.

E' notavel a boa vontade, e mesmo o entusiasmo, com que as creanças se prestam ao trabalho de fornecer os exemplares de animaes, plantas e objectos solicitados pelo professor. O estudo se anima; a classe e o proprio professor se dedicam com prazer a esse trabalho de pesquisa, de observação e de comparação que deve, essencialmente, constituir o dominio do methodo intuitivo.

E, assim, na sua pratica de ensino, aprendem os professorandos como dotar as suas classes de um variado e valioso material, sem o concurso dos poderes publicos.

Ao lado d'esse material, dispõe cada professor de uma colleção de apparatus destinados ao ensino experimental de sciencias naturaes, todas as vezes que a materia o exigir. Tudo muito simples, de custo insignificante, porém capaz de satisfazer plenamente o fim a que é destinado.

Em relação ao ensino de geographia e, como complemento á applicação do methodo, o curso tem sido feito com auxilio de stereoscopios, de projecções luminosas e de gravuras nitidas, que podem, na impossibilidade de observação directa, dar á creança uma idéa quasi exacta da cousa estudada.

Uma questão que foi muito discutida entre nós é a de introdução de noções de agricultura no curso primario. A meu ver, essas noções já se acham implicitamente contidas no programma em vigor. Qualquer ampliação do estudo, sob esse ponto de vista, viria constituir uma sobrecarga verdadeiramente embaraçosa para o curso. A questão resume-se em saber dar

ao ensino de noções de botânica, sem exorbitar do programma adoptado, o desenvolvimento e a orientação que essa disciplina deve ter nas classes primarias.

O estudo de botânica é um dos melhores campos de observação que se pode apresentar ao exercicio da curiosidade infantil. Para isso não temos mais que orientar o ensino, de maneira que a creança possa receber, pela observação directa, no dominio da natureza, os conhecimentos que lhe damos oralmente em classe.

Os passeios instructivos pelos campos foram sempre muito recommendados como um dos recursos mais faceis, de que pode lançar mão o professor, para pôr a creança em contacto directo com a natureza.

Entre nós, porém, esses passeios nunca deram resultado, porque devido á falta de convicção ou de entusiasmo da parte do professor, quasi sempre perdem o seu caracter instructivo e degeneram em simples passeatas de diversão.

Não penso que por isso se deva abolir o passeio escolar. Devemos apenas usar d'elle com muita parcimonia, com intuito de, pouco a pouco, habituarmos os professores a tomal-o a sério, como uma verdadeira aula ao ar livre, pois que, assim considerado, é um dos melhores auxiliares na primeira phase da educação.

O melhor meio que nos occorreu para tornar pratico e intuitivo o ensino da botânica nas classes preliminares, foi o da criação de um pequeno campo de observação no proprio pateo da escola, no qual se tem feito a cultura de todas as plantas mais conhecidas e, sobretudo, d'aquellas que representam papel importante na economia nacional, como sejam o feijão, o arroz, o milho, o café, etc.

Esse campo de cultura não vae além de uns 12 metros quadrados em cada pateo. Ahi, as proprias crianças fazem a plantação da semente, e acompanham o desenvolvimento da planta, sob a direcção do professor, desde a germinação até a colheita dos fructos.

Ao fazer a sementeira ou a plantação de uma muda, a classe adquire, intuitivamente, as mais rudimentares noções da agricultura, que o professor, depois da observação feita, pôde, conforme o assumpto e as circumstancias, desenvolver na classe, nas aulas de palestras destinadas ao cultivo da linguagem oral, nas quaes geralmente se aproveitam os assumptos das lições de cousas.

E, assim, dentro do programma adoptado, recebem as creanças as regras mais rudimentares de agricultura, parallelamente com os conhecimentos de anatomia e physiologia vegetaes, que

vão adquirindo por observação propria. Feito d'esse modo, como applicação pratica dos estudos de botânica, e considerado, portanto, pelo lado educativo, o ensino de noções de agricultura é um valioso auxiliar do professor na applicação do methodo intuitivo.

Uma das faltas, de que se resente ainda o curso da Escola Modelo, é a impossibilidade, devido á falta de espaço no edificio, de fazer extensivo á secção feminina o ensino de modelagem.

A modelagem e o desenho são duas disciplinas complementares no ensino intuitivo. Depois que a creança se assenhoreia da forma das cousas, a reproducção das mesmas, pelo desenho ou pela modelagem, apresenta a dupla vantagem de a induzir a uma observação mais reflectida e mais detalhada, contribuindo, portanto, para a educação da vontade e da atenção e de lhe proporcionar um excellent exercicio para o desenvolvimento da habilidade manual.

Não vejo motivo para se limitar á secção masculina o estudo da modelagem. Nos primeiros annos, sobretudo, em que ha toda a vantagem em não forçar a intelligencia das creanças com a continuidade dos exercicios intellectuaes, a modelagem poderia, muito melhor do que qualquer outro genero de trabalhos manuaes, prestar o seu valioso concurso, como a disciplina que melhor se presta aos exercicios de imaginação, para os quaes as creanças têm uma tendencia e um gosto particular e que offerece sobre o desenho a vantagem de ser mais accessivel, devido á sua feição puramente concreta.

Os trabalhos de agulha, de bordado e de tecelagem têm o seu valor proprio nas classes femininas, porém a sua importancia é incomparavelmente menor do que a da modelagem, cuja função educativa abrange todo o campo de actividade infantil, visto que se pode relacionar com o estudo de não poucas materias do programma.

Quanto aos methodos e processos relativos ás diversas disciplinas, nada de novo se tem iniciado no curso annexo, visto que anteriormente á sua criação, já tínhamos adoptado nas escolas do Estado tudo quanto se acha experimentado e provado nos paizes, onde a instrucção publica está mais adiantada.

Todo esforço tem sido empregado, como acima se vê, no sentido de dar aos futuros mestres o maximo de preparo tecnico, que podem adquirir durante o tirocinio escolar. Essa é a magna questão em que se devem empenhar as escolas normaes, principalmente depois que a reforma de 1912 as proveu dos recursos necessarios, com a criação das cadeiras de psychologia pedagogica e de methodologia.

Da necessidade da criação de classes de ensino froebeliano, preparatorias do curso preliminar.

Uma das medidas que, com mais urgencia, reclama o curso annexo, é a criação de classes de ensino froebeliano, preparatorio do primeiro anno preliminar.

Existe, annexa ao curso normal, uma escola-modelo que serve de padrão aos grupos escolares e duas escolas isoladas-modelo, pelas quaes se amoldam as escolas-isoladas do Estado.

Falta-nos, para completar a preparação dos futuros mestres, as classes de ensino froebeliano, sem o que a sua orientação sobre o assumpto ficará sempre limitada ao dominio da theoria e dos compendios.

A necessidade da systematisação do ensino pre-escolar já se faz sentir de ha muito entre nós. Ninguem ignora as difficuldades com que luta o professor do 1.º anno, diante da heterogeneidade no grau de desenvolvimento dos alumnos.

Essa differença de desenvolvimento, que se nota entre nós, mesmo em relação ás crianças da mesma idade, ainda se tornou mais accentuada com a tolerancia do regulamento, quando admittiu nos grupos escolares e outras escolas publicas, a matricula de crianças com menos de 7 annos.

O seccionamento das classes remedeia, em parte, o mal, porém é uma medida que não pode ir além de certo limite, de modo que, mesmo em relação a cada secção, a differença do desenvolvimento se faz sentir de uma maneira notavel.

No interior, uma grande parte das crianças que entram para a escola, são filhos de italianos. A sua linguagem é tão viciada que, muitas vezes, mal a podemos comprehender.

Antes de iniciar o ensino de leitura é necessario um exercicio prévio de linguagem oral. Ha muitas vezes necessidade de prolongar esse exercicio durante dois ou tres mezes, para que possa haver uma relação entre a linguagem da criança e a do livro. Mas isso nem sempre se pode fazer, visto que ha um programma a desenvolver. O professor prescinde d'esse exercicio preparatorio e, com isso, fica compromettido o resultado do ensino.

A admissão das crianças de menos de 6 annos foi naturalmente determinada por motivos de ordem pedagogica. Seria grande lacuna no nosso systema de ensino, a falta de escolas para crianças d'essa idade.

Dos 4 aos 7 annos a criança atravessa um dos periodos mais favoraveis á acção educativa da escola, por isso que é justamente nessa idade que nos podemos aproveitar da malea-

bilidade de sua natureza e da plasticidade do seu espirito, para lhe combater as más tendencias, extirpar-lhe os maus habitos, crear-lhe habitos novos e, enfim, encaminhal-a no sentido favoravel.

D'ahi a importancia dos jardins da infancia e das escolas maternas, que tanto cuidado têm merecido nos paizes onde a instrucção se acha mais adiantada, como sejam a Allemanha, a França e os Estados Unidos.

Devemos, pois, dar escolas ás crianças de menos de 7 annos, porém, não no 1.º anno do curso preliminar, onde ellas serão necessariamente sacrificadas, pois o seu desenvolvimento não comporta as exigencias do programma adoptado.

E' muito provavel que tenhamos logo as classes de ensino froebeliano nas escolas publicas e, por isso, seria de grande conveniencia que os alumnos mestres tivessem, no seu tirocinio escolar, uma segura orientação pratica sobre o assumpto.

Para isso a Lei n. 520 deixa ao governo o arbitrio de crear opportunamente, nas escolas modelo, classes mixtas de ensino froebeliano, preparatorias do curso preliminar.

Curso de philosophia e psychologia

A philosophia de Tolstoi

Setima lição no amphitheatro da Escola Normal

por GEORGE DUMAS

(Continuação)

O ponto de partida de Tolstoi é, como para muitos outros philosophos, a contradicção da vida humana.

O homem, diz elle, vive sómente para ser feliz e, antes de tudo, a sua felicidade afigura-se lhe pessoal, o egoismo a sua primeira lei. Mas, enquanto o homem aspira á posse do seu proprio bem, vê que todos os viventes fazem da existencia a mesma idéa que elle todos se prepararam, afim de garantir a sua felicidade, para disputar a alheia. A vida é, pois, a lucta e a guerra, porque os mesmos prazeres não podem pertencer a todos.

O vencedor gosará, ao menos, da sua victoria? Durante algum tempo, talvez; mas admittindo que elle se aproveite da victoria, escapará ás enfermidades, á velhice, á morte?

— Desejo uma felicidade duradoura e posso, num momento, perder a que possuo; quero viver ou morrer; assim fala o mais feliz dos homens. E este pensamento basta para lhe tornar incomprehensivel a sua propria vida; si quizer comparar a vaidade dos seus bens e a immensidade dos seus desejos, declarará sempre que a vida é contradictoria.

Os homens civilizados conhecem este raciocinio bem singelo, mas fingem ignoral-o ou esquecem-no, para seguir o primeiro caminho que encontram aberto; apesar do contrasenso da vida egoista, pensam unicamente em organizar-a. Reunem-se nas cidades, porque ali encontram abundantemente todas as variedades de prazer; chamam para os servir a gente do campo, que elles seduzem acenando-lhes com a perspectiva do ganho; enchem as cidades de desclassificados e de prostitutas que vão arrancar á honestidade da vida campezina.

Sem duvida, dirão que pagam ás suas victimas, que lhes dão dinheiro; mas, além do dinheiro ser impotente para reparar o mal commettido, esquecem-se os ricos de que elles proprios não ganharam o dinheiro que derramam a mancheias. Roubaram-no; porque, aos olhos de Tolstoi, é um roubo despendar as rendas ou receber pingues emolumentos nos lugares do functionalismo e nas profissões liberaes, que estão longe de exigir o mesmo trabalho e o mesmo esforço do camponez.

E, o que é peor e certo para todos esses desfructadores, anathematizados por Tolstoi, é que elles não conseguem cegar-se completamente; de tempos a tempo, em determinados momentos, até durante o mocidade, entrevêem o abysmo aberto na sua frente, esperando que a morte ou o pensamento da morte venha despertal-os de todo. Que devemos fazer? pergunta Tolstoi.

Toda a ordem social é ridiculamente absurda, sem o egoismo; ricos e pobres, todos são igualmente desilludidos pela vida e pela morte. A civilização ultrapassa a contradicção da vida e afoga os seus fieis; a parte da humanidade, que se acredita illustrada, vai dar, num becco sem sahida. Eis o problema fundamental, a verdadeira questão humana; o que é necessario para re olvel-a, é uma religião. E Tolstoi, que durante mais de trinta annos apresentou esta religião, consagrou a sua velhice e formulal-a.

No começo, dirigiu-se á sciencia, pedindo-lhe a solução do problema; mas, depressa reconheceu que a sciencia era impotente para o resolver; a sciencia occupa-se da vida animal, da vida vegetativa e nunca exerceu um esforço para nos dizer o sentido da vida humana; pelo contrario, tende a explicar tudo pelo desenvolvimento biologico, pelo egoismo, de algum modo, legitima esse instincto e considera inuteis divagações todas as preoccupações do homem ácerca do seu destino.

Então Tolstoi dirigiu-se á religião christã, que elle amava profundamente durantes longos annos e por cujo fundador professa uma admiração infinita; o christianismo, tal qual o concebe e pratica a sociedade actual, com os dogmas da quêda e da immortalidade da alma, que Tolstoi não admite, o christianismo, a seu vêr, deslocou a questão; apresentou nos a vida terrestre como uma illusão phantastica, irreal, passageira e lançou para além do tumulo a solução do problema do destino. Ora, para Tolstoi só ha uma vida, a que nos foi dada na terra. E é desta vida que elle procura o sentido.

Deste modo, nem a sciencia nem a religião podem resolver a grande contradicção em que se debatem o homem; e, em definitiva, um conjuncto de habitos e costumes é que constitue para a maioria dos homens a sua unica philosophia.

— Este criterio, diz Tolstoi, não tem valor algum racional; todavia, é elle que rege quasi todos os actos dos homens. Para o mahometano é costume a peregrinação a Meca; para o homem da sociedade o duello; para a montanhez, a *vendetta*.

Entramos no mundo e vemos os nossos maiores cumprirem com segurança diversos actos, que não comprehendem: mais tarde, procederemos com elles e os nossos filhos farão como nós.

O respeito pelos costumes, porém é a abdicção da razão, e o homem não consegue adormecer de toda a sua razão; chega fatalmente o dia em que a consciencia reflectida renega a sciencia, a religião e os costumes. Admira-se, quer comprehender e a primeira consequencia desse despertar é o pessimismo, e o desespero, é o nihilismo. Tolstoi acceta estas conclusões pelo que respeita á vida individual. Si considerarmos, sómente, as alegrias egoistas, repetirá de boamente, como Salamão: — Tudo é vaidade, feliz daquelle que não nasce; a morte vale mais do que a vida.

Mas não se limita a isto e essas negações são a origem da sua verdadeira philosophia.

Como escapar ao nihilismo? Renunciando a buscar a vida eterna no individuo, onde ella não pode existir, para a buscar fóra de nós, onde ella existe. Convem persuadirmo-nos, primeiramente, de que a vida, que dorme na materia, vegeta na planta e se move e anima no animal, e se expande na humanidade; é preciso convencermo-nos de que ella, que nos precedeu e nos sobreviverá, é a unica vida eterna que nos seja dado conhecer, e que o nosso individuo nada mais é do que um ponto no espaço, um momento na duração, quando o comparamos á immensidade e á eternidade desta vida. Posto isto, si nos quizermos, duma vez por todas, desfazer de todos os preceitos que a cultura, a civilização egoista depositou em nós, ficaremos surpreendidos, pensa Tolstoi, de não ter achado ha mais tempo a solução do enigma humano, que elle assim explica: Serás feliz si renunciáres a uma felicidade, que não poderás alcançar preferindo ao teu ser mortal a humanidade immortal, e participando da vida universal.

E de que maneira participaremos da vida da humanidade immortal? Por um sentimento muito simples, base da moral do evangelho, o amor dos homens, a caridade. O verdadeiro amor, consoante o pensamento de Tolstoi, é o alargamento do nosso ser, a posse, por uma alma, do universo; quem quer que a realize sem obstaculo e a sinta na sua plenitude é tão grande como o mundo; obtem o maximo da vida, é a propria humanidade. E este amor, que o expande e o engrandece, arranca-o ás formas

mortaes da duração; colloca-o fóra do tempo, como fóra do espaço pelo objecto infinito e eterno com que o confunde. Havia, neste ponto, um grande perigo para a moral de Tolstoi: ia dar a uma especie de mysticismo pantheista, a um vago e sentimental humanitarismo, em que o amor extatico da humanidade é substituido pelo amor activo dos homens. O seu christianismo salvou-o desse perigo, e foi o homem activo, util, sempre prompto a moldar se á mais viva caridade, que Tolstoi nunca deixou de pregar.

Do ponto de vista do amor, refez, pouco e pouco, em seus ultimos livros, a sociedade inteira; pediu que se supprimissem todos os sentimentos da força como os exercitos, e até da justiça como os tribunaes; tentou adaptar á ordem social a maneira do sermão da montanha: Não resistas ao mau e, aconteça o que acontecer, não lhe resistas. Tolstoi quiz que cada um supprisse as suas proprias necessidades por seu trabalho material afim de viver, tão pouco quanto possível, do trabalho de outrem; refez, igualmente, a familia, criticando o casamento de amor, o casamento egoista, fazendo a apologia do casamento christão, e qual seria um amor na caridade e pela caridade; verberou a sciencia que só confia em si, a arte que unicamente tem por objectivo o prazer de crear; pediu que a sciencia e a arte tivessem por principal objecto concorrer para a felicidade e aperfeiçoamento moral dos homens; concebeu e estabeleceu uma sociedade, cujas instituições e costumes só teriam por fim a felicidade de todos, e por inspiração o amor.

Não se pode constatar a nobreza moral e a elevação do systema; mas podemos fazer-lhe algumas restricções quanto á sua originalidade e character pratico. Por certos aspectos, em particular, pelos seus ataques contra a sociedade, Tolstoi procede de Rousseau, por quem, aliás, tinha uma grande admiração; pela sua religião da caridade, faz pensar em Schopenhauer, que escreveu: «A natureza é má; escondeu a raiz do mal na individuação, no amor de si proprio. Para destruir o mal, é necessario confundirmos a nosso coração com o dos outros». E ainda: «A piedade presente a unidade dos seres; é o grande mysterio da vida moral. Aquelle que vae á morte pelos outros homens está livre da illusão; não restringe mais o seu ser aos limites da sua pessoa».

O tolstoismo é, por outro lado, uma doutrina impraticavel; não se funda em cousa alguma duradoura, indo de encontro á natureza humana, e, em particular, aos seus instinctos mais profundos, os instinctos egoistas.

Todo o systema de moral, seja qual fór o papel e o futuro que reserve ao altruismo, deve necessariamente contar com o

egoismo, Demais, Tolstoi engana-se, quando assimila o egoismo ao mal. O egoismo pode ser o mal, mas em muitas circumstancias é, simplesmente, um direito, a aspiração a uma sociedade equitativa e, sob esta forma, é perfeitamente respeitavel.

Como se disse muitas vezes a respeito de Tolstoi, a humanidade necessita tanto de justiça quanto de caridade; e é facto bem conhecido que o proprio Jesus falou da justiça.

Apesar das suas imperfeições e lacunas, o tolstoismo não deixa de ser interessante; inspira as ultimas obras e, sob uma forma menos consciente, a maior parte das obras do maior artista do nosso tempo; pois, é uma tentativa vivida, si bem que fatalmente abordada, fazer uma religião natural duma religião revelada, e uma religião pantheista duma religião individualista.

Pode-se pôr em duvida que, algum dia, Tolstoi ocupe um logar na historia da philosophia humana; nem por isso deixará de ser a historia de uma alma ardente, generosa, boa christã nos seus mais intimos sentimentos e, por outro lado, abeberada de pantheismo e philosophia naturista, a alma multipla de Tolstoi.

DR. G. DUMAS.

O movimento pedagogico na Republica Argentina

Traduzido pelo Dr. Carlos da Silveira leante de Pedagogia da Escola Normal de S. Carlos do livro "Nel Dominio Pedagogico" do prof. italiano Pietro Romano.

(Continuação)

A pedagogia no ensino normal — Passando agora a mencionar o culto da Pedagogia no ensino normal e superior, ser-nos-á dado ainda melhor reconhecer que na joven Republica sul americana a sciencia da educação é comprehendida em toda a sua fecunda importancia, porque encontra na sabedoria das leis que governam a instrucção publica, uma sancção e um impulso vigoroso.

A cultura pedagogica nas escolas normaes tem ordinariamente quatro representantes.

E' pois necessario distinguir as escolas normaes em duas classes: as que formam os professores e as professoras e as de que sahem mestres e mestras.

A escola normal destinada a formar professoras ou ensina-dores normaes femininos em Buenos Ayres, comprehende, entre outras, duas cadeiras de pedagogia e duas de critica pedagogica, occupadas respectivamente pela directora, pela vice-directora, pela auxiliar, e vice-auxiliar (nas escolas de applicação), cincoenta e quatro cadeiras de sciencias e letras, onze cadeiras de linguas estrangeiras, seis cadeiras de desenho, cinco cadeiras de linguas estrangeiras, seis cadeiras de desenho, cinco cadeiras de trabalho manual, economia domestica e misteres, uma cadeira de leitura artistica, quatro cadeiras de musica, tres cadeiras de educação physica, dois professores supplentes e dois supplentes para os exercicios physicos, uma cadeira de moral e de urbanidade e uma cadeira de calligraphia.

Pouco diverso é o regulamento da Escola Normal para os que ensinam linguas vivas, na mesma Capital. De facto, tambem nesta ha uma directora com uma cadeira de pedagogia, e uma escola de tirocinio ou de applicação na qual se encontra uma auxiliar, professora de critica pedagogica, e uma sub-auxiliar igualmente professora de critica pedagogica, em quanto

que as cadeiras de linguas estrangeiras são vinte e quatro ; o orçamento da primeira dessas escolas é de 25.000 pesos, o da segunda é de 23.360 pesos.

A escola Normal dita para professores normaes, em Buenos Ayres, não difere substancialmente das precedentes. A pedagogia é ensinada ali pelo director e sub-director, enquanto o auxiliar e vice-auxiliar ensinam critica pedagogica na escola de applicação ou tirocinio, annexa á Escola Normal.

Nesta escola contam-se exactamente trinta e sete cadeiras de ensinamentos scientificos e literarios, sete cadeiras de linguas estrangeiras, tres cadeiras de desenho, duas cadeiras de trabalho manual, uma cadeira de exercicios phisicos e alguns supplentes e ajudantes. Sua manutenção custa não menos de 18000 pesos, comprehendida a escola de applicação e o *Curso Normal* de educação phisica, o qual tem um director, dois professores e um supplente.

Não menos correctamente organizada se nos appresenta a Escola Normal para as mestras em Buenos Ayres, na qual o ensino pedagogico é confiado á directora e á vice-directora e o ensino das letras e das sciencias comprehende vinte e cinco cadeiras ao lado de cinco cáthedras de linguas estrangeiras, tres ditas de desenhos, uma de trabalho manual, uma de leitura artistica, tres de musica, duas de misteres e de economia domestica e uma cadeira de exercicios phisicos, não mencionando outras cáthedras de ensino complementar e duas de critica pedagogica occupadas pela auxiliar e pela sub-auxiliar da escola de applicação ou tirocinio.

As escolas normaes da Republica Argentina, além da de Buenos Ayres ora mencionada, são vinte e sete e todas tem quatro cadeiras de pedagogia, porque em todas se encontra a escola de applicação e o jardim de infancia.

Merecem ser recordadas, pela excellencia do ensino a Escola Normal mixta do Paraná, a mixta de Azul, a de mestres de Corrientes, de Santiago do dell'Estero, de Catamarca, de Córdoba, de Mendonza, de La Plata de Rozario e as escolas normaes regionaes de Corrientes e de S. Luiz.

* *

A pedagogia da Universidade — Mas se o bello ensino official de Pedagogia nas escolas normaes nos mostra que a sciencia da educação na Argentina é vivamente apreciada, e se lhe dá o primeiro lugar nos institutos que se destinam a fornecer cultura e conhecimentos didacticos aos educadores, isto não será todavia

sufficiente para fazer comprehender a extensão de tal ensino se não considerarmos tambem o posto que, ao mesmo, é destinado nos institutos superiores.

Tres são as Universidades argentinas nas quaes a pedagogia é dignamente representada : a Universidade de Buenos Ayres, a Universidade de Córdoba e a de La Plata. Nós nos deteremos de modo mais analytico e mais extensamente no ensino da Universidade de La Plata por ser a que nos mostra a organização de uma *Secção pedagogica* sob muitos aspectos digna de ser conhecida na Italia, e por apresentar um ensino pedagogico superior mais perfeito.

Observamos entretanto que tambem a cadeira de Pedagogia da Universidade de Córdoba é das mais importantes e que a Universidade de Buenos Ayres, possui um *Seminario Pedagogico*, que se approxima do typo dos prussianos, sendo annexo á Faculdade de philosophia e letras o *Instituto Nacional de Profesorato de Enseñanza secundaria*, o qual tem por escopo a preparação dos professores médios, pois que a cultura e a preparação profissional fornecida pelas escolas normaes dos professores e das professoras restringe-se effectivamente aos ensinadores normaes e é insufficiente sob varios aspectos.

Digamos de passagem, que o supradito *Instituto Nacional* que faz parte do Seminario pedagogico e da Faculdade philosophica literaria de Buenos Ayres, tem um director, oito professores especiaes, vinte e oito cadeiras de varios ensinamentos de letras e sciencias, comprehendidas as linguas estrangeiras representadas por nove cáthedras, e possui além disso, tres cadeiras de desenho, uma de trabalho manual e uma de educação phisica e mais oito ajudantes e supplentes.

* *

A Universidade de La Plata e a sua Secção Pedagogica — A Universidade nacional de La Plata da qual queremos ligeiramente estudar a Secção Pedagogica, por ser a que, melhor do que as outras instituições argentinas nos faz conhecer o impulso fecundo que á pedagogia foi dado na jovem Republica da America latina, existe sómente ha sete annos, após a extincção da Universidade provincial de La Plata, sendo criada pela lei de 12 de Agosto de 1905 depois de maduros estudos preparatorios. Os decretos que lhe organizaram o funcionamento foram publicados em 24 de Janeiro e 7 de Fevereiro de 1906 e a inauguração do curso effectuou-se em 2 de Abril do mesmo anno.

A oportuna criação desta universidade é devida ao Ministro da instrução publica Joaquim V. Gonzalez, o qual não contente com a fundação da Faculdade de letras e philosophia da Universidade de Buenos Ayres, com a organização das conferencias dos professores e com o Seminario pedagogico, que, juntos, deviam cooperar, com a sciencia da educação, para aperfeiçoar o corpo professoral, criou um instituto pedagogico especial, no qual a preparação dos docentes secundarios e superiores se obtivesse do melhor modo possível, isto é, como um amplo desenvolvimento da sciencia da educação,

A instituição da *Secção pedagogica* annexa a Faculdade de Sciencias Juridicas e sociaes, foi imposta pelo artigo 21 da lei de fundação da Universidade Nacional de La Plata, o qual diz:

« Funcionará sob a dependencia da *Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes* duas secções de estudo, uma de pedagogia e a outra de philosophia e lingua latina e grega. »

Vejam-se agora as razões que a aconselharam, o escopo a que se mira, o modo de funcionar e os resultados que obteve no primeiro anno da sua criação, segundo o que a esse respeito escreve o prof. V. Mercante, que a dirige.

* * *

Para que fins e com que criterios foi criada a *secção pedagogica da Universidade de La Plata*. — No relatorio enviado, segundo o disposto pelo conselho superior da Universidade, á Faculdade de Sciencias juridicas e sociaes, relativamente á organização da *Secção* e aos trabalhos realizados por ella, assim diz Mercante:

O proposito desta *Secção pedagogica* indicado explicitamente em uma «memoria de 12 de fevereiro de 1905 é formar o corpo docente dos Collegios Nacionaes, das Escolas Normaes e dos Institutos que exigem um pessoal de preparo tecnico e pedagogico para transmittir conhecimentos, educar as aptidões, economizando tempo e esforço, pois que outra não é a arte do professor quando bem se entenda o conceito do ensino em relação ao individuo e aos seus semelhantes ».

Na realidade, ao lado do fim precipuo de dar uma preparação pedagogico-profissional aos professores médios, a *Secção* tem tambem o de preparar os ensinantes superiores dos quaes naturalmente se deve exigir o conhecimento da sciencia da educação.

Os alumnos que cultivam os estudos pedagogicos, graças á especial estrutura da Universidade, adquirem sua preparação technica na Faculdade, e constituem uma cathegoria a parte;

esta importante differença em relação aos institutos destinados a formar os professores, permite-lhes dedicar o tempo sufficiente á preparação pedagogico-didactica, emquanto que o ensino da faculdade torna se mais homoganeo. Qual deve ser o programma, naturalmente complexo, da *Secção pedagogica*? Sigamos o pensamento de Mercante:

« Os pontos programmaticos, que constituem o nucleo dos estudos (pedagogicos) pela sua afinidade, servem de base uns aos outros e completam-se. Elles são em parte de *observação* e em parte de *aplicação*; a observação é sciencia e a aplicação é arte »; de mais, o caracter bem definido do programma, que é *theorico* e *pratico*, deve ser esclarecido sempre scientificamente. O material accumulado nestes ultimos annos nos livros e nas revistas « é abundante mas, é preciso confessá-lo, indeterminado nas suas conclusões. » Todavia, será uma preciosa fonte informativa para os cursos que se tem e, para os trabalhos de laboratorio que se effectuam; tornam-se a um tempo guia e confirmação dos principios induzidos da propria investigação.

« A educação propõe-se á cultura e ao desenvolvimento das aptidões do homem (durante a vida escolar) nos limites da liberdade que o ambiente concede. »

A sciencia tenta estabelecer as leis desta cultura em vista do melhor resultado e com o menor esforço; a lei é a expressão geral de uma observação sobre factos que o homem diligentemente provoca.

Daqui o caminho dos estudos pedagogicos: primeiramente o conhecimento da natureza humana, em segundo lugar o das suas necessidades, depois o da correspondencia do individuo com o mundo e finalmente dos meios que devem modificar tal correspondencia, com o fim de adaptar as gerações novas ás condições de uma vida fecunda para o Estado e para a especie. O conhecimento da natureza humana se fará muito incompleto se a estudarmos physica, intellectual e moralmente em uma idade que não compreenda as varias phases evolutivas do homem (criança, jovem, adulto), com seus antecedentes anamnésicos; deficiencia tanto mais grave quanto o processo natural é rigorosamente systematico.

O homem deve ser conhecido por meio da creança. Por outro lado a educação superior nasce da elementar; é necessario conhecer e organizar esta para definir aquella. O estudo, a observação e a pratica começarão do jardim da infancia para subir até á Universidade, dividindo-se assim os dois periodos, segundo o caracter intensivo e extensivo que adquirirem as aptidões com a idade.

* * *

As varias disciplinas de seu programma. — Conhecido o fim que a secção pedagogica deve atingir e o caracter que deve ter a verdadeira sciencia da educação, Mercante, — depois de ter estabelecido que o individuo é um conjuncto de órgãos ou de funções que exprime uma somma de aptidões, e que conhecer este conjuncto, cuja perfeição e cultura constitue o ritmo integral da educação, é conhecer a natureza, — observa que do ponto de vista didactico nem todos os órgãos revelam igual importancia e que a escola trabalha de modo quasi exclusivo sobre os órgãos maleaveis da vida de relação: o cerebro e seus annexos. A preparação do pedagogista começa do estudo deste órgão, da mesma maneira que um agricultor estuda o terreno antes de trabalhá-lo ou de semeá-lo. Donde um nucleo de estudos cujo objecto é o conhecimento do individuo na sua variedade e que bem se poderia compreender sob o titulo generico de psycho-physiologia, se delles não fizesse parte a anthropologia, discutivel quanto ás suas relações com a função mental, mas de indiscutivel «importancia quando respeita ás suas relações com a educação physica e com o processo phlogénico.»

Conhecida a estrutura do homem «e o mecanismo mental, continúa Mercante, impõe-se um estudo minucioso do phenomeno psychico pela via geralmente seguida, qual seja a investigação, segundo operações methodicas, facéis de serem agrupadas em cathogorias, entre as quaes occupa o primeiro posto a prova experimental. Destes trabalhos deve brotar primeiramente o principio que serve de base á methodologia, não já considerado debaixo do ponto de vista vago da generalidade, porém do complexo difficil de particularidades, que formam o processo.

Referindo-se depois a algumas asserções de Binet, que na introdução — programma da *Bibliotheca de pedagogia e psychologia* escrevia que se torna necessaria a criação de uma pedagogia, pois que a antiga, prescindindo dos seus bons propositos, está cheia de vícios radicaes e constituida de idéas preconcebidas, procede com afirmações gratuitas, confunde as demonstrações rigorosas com as expressões rethoricas, pretende resolver os maiores problemas invocando autoridades como Quintiliano e Bossuet, substitue os factos por exhortações, num todo de phrases e phantasias, e acresceita que a pedagogia nova deve antes de tudo proceder experimentalmente, — o nosso pedagogista americano diz que por experiencia não se deve entender o indetermindado *impressionismo* de pessoas que muito tem visto, mas sim uma documentação scientifica, methodica, abundante e precisa em particulares, da qual se possam tirar conclusões.

Elle acredita que as experimntações na pedagogia e na psychologia podem dividir-se do modo seguinte:

1.º Experiencias que se devem fazer nos laboratorios de psychologia;

2.º Experiencias que se devem fazer na escola.

Daqui surge um primeiro nucleo de materias programmaticas:

- a) Anthropologia e trabalhos de laboratorio;
- b) Anatomia e physiologia do systema nervoso e trabalhos de laboratorio;
- c) Psychologia e trabalhos de laboratorio;
- d) Psychologia dos ancrmaes e trabalhos de laboratorio;
- e) Hygiene escolar.

A materia para estas investigações é tirada da escola, que nos apresenta não já um quadro de espiritos homogeneos, porém uma polychromia de aptidões, combinadas de muitos modos, no campo da normalidade e da anormalidade. Esta heterogeneidade contém os mais difficeis problemas da educação simultanea. Por esta razão a psychologia pathologica offerece frequentemente maior interesse do que a normal.

A estes estudos seguem-se a historia da pedagogia e a sciencia da educação, as quaes estudam a necessidade do individuo em relação com o ambiente e sua marcha através do tempo. Que é que o Estado exige do individuo? A que se propõe a educação? Que aptidões a collectividade exige dos seus elementos? A que necessidades individuais se deve satisfazer relativamente ás necessidades da sociedade? Estes complexos problemas devem ser resolvidos pelos mestres de historia e de sciencia da educação, levando sempre em conta a natureza do homem e a sua capacidade.

«A historia da pedagogia se bifurca em dois ramos: um tende a conhecer como a humanidade resolveu, nas diversas épocas, a questão educativa do ponto de vista politico; o outro procura explicar a génese de cada sciencia e o methodo empregado para transmittir o seu conhecimento. O methodo novo nasce da acção concorrente de tres vias: a psychologica, a historica e a politico-social. O trabalho proprio e de maior diffcultade e importancia da secção de pedagogia, será, na minha opinião, a analyse do elemento escolar (psychologia experimental) e a educação (methodologia pratica), ou seja o estudo do terreno e a sua cultura».

Os estudos supra mencionados constituirão um exemplo harmonico e sufficiente para estabelecer o methodo e realizar a pratica.

Neste ponto, Mercante faz um opportuno paralelo entre o ensino pedagogico das Universidades norte-americanas e o estudo da sciencia pedagogica da Secção por elle dirigida.

Basta lançar uma vista d'olhos ás varias cathedras de pedagogia nas Universidades de Wisconsin, de Pensylvania, de Michigan, de Illinois, de Cornell e de Harvard, sendo que esta ultima não tem menos de onze ensinamentos de caracter pedagogico, para se ficar convencido, de que nas secções pedagogicas dos Estados-Unidos o estudo da sciencia da educação é muito theorico e escassamente pratico.

Mas o estudo da natureza humana, a historia das idéas pedagogicas e a theoria scientifica do facto ou phenomeno educativo não bastam para formar o ensinante, sem a preparação methodologica.

A methodologia tem, sem duvida, principios que convem sejam conhecidos por todos os professores e professoras, mas esta methodologia geral não seria sufficiente sem uma methodologia particular e ao mesmo tempo systematica, propria de cada materia de estudo, que nos ensine a communicar as idéas principaes e secundarias, para desenvolver as aptidões de cada individuo: deve pois haver uma methodologia propria da mathematica e uma methodologia propria das sciencias naturaes.

O fim ultimo do ensino pedagogico é esta methodologia (geral e especial), que dá o habito pratico, pelo qual o estudante mostra as suas aptidões, formadas por uma paciente assimilação de theorias e observações. O pintor, todavia, não será jamais pintor se não exercitar a mão; o professor não será em tempo algum professor se não *praticar* o ensino sob a vigilancia de quem o possa guiar com uma critica tã.

Eis pois aqui a necessidade de um segundo nucleo de materias programmaticas para a secção pedagogica, que poderá ser o seguinte: 1.º Psychopedagogia, com gabinete de experimentação; 2.º Historia da educação; 3.º Sciencia da educação; 4.º Methodologia geral; 5.º Methodologia especial (processos diversos); 6.º Pratica pedagogica; 7.º Organização e administração; 8.º Legislação escolar, a qual é necessario estudar intensamente e extensamente, não se podendo reduzir a uma simples leitura de leis e regulamentos.

Pois que estes estudos tendem a um duplo escopo, isto é, ao conhecimento do educando e á sua educação, devem elles ser distribuidos de modo que um e outro fim sejam facilmente obtidos. Por esta razão, o programma geral da *Secção pedagogica* está dividido do seguinte modo:

Estudo do individuo.

a) Anthropologia, duas lições semanaes; theoria: um anno; practica: um anno.

b) 1.º Anatomia e physiologia do systema nervoso; duas lições semanaes, durante um anno; 2.º Laboratorio: preparações anatomicas e experimentaes, duas vezes por semana, durante um anno.

c) 1.º Psychologia theorica e experimental (psychologia historia da psychologia: duas lições semanaes; 2.º Laboratorio: duas vezes por semana.

Educação do individuo.

d) 1.º Psychopedagogia (psychologia applicada á arte do ensino): tres lições por semana; 2.º Investigações: todos os dias.

e) 1.º Historia da educação; tres lições por semana, um anno; 2.º Sciencia da educação: duas lições semanaes, por um anno.

f) 1.º Methodologia geral: duas lições por semana; 2.º Observações: uma vez por semana.

g) 1.º Methodologia especial (processuação): I. mathematica, II. sciencias naturaes, III. linguas, IV. historia e geographia V. physica e chimica: duas lições para cada ponto do programma; 2.º Pratica pedagogica: um ponto programmatico por trimestre, no Collegio Nacional e na Escola Normal, por um anno.

h) 1.º Organização, administração, programmas, conferencias, congressos; 2.º Educação moral e disciplina: duas lições semanaes no primeiro trimestre; 3.º Observações: uma vez por semana.

i) Legislação comparada (leis e regulamentos): duas lições semanaes.

Todos estes estudos devem-se fazer seguindo criterios realmente scientificos, afim de que possam dar resultados fecundos e seguros. E' claro que as observações psychopedagogicas exigem escolas masculinas e femininas annexas, sujeitas ás autoridades universitarias e gabinetes para o exame individual, que se possa fazer a todo o momento e em qualquer circumstancia. Os directores destas escolas-modelo de experimentação, e todo o pessoal de ensino, devem estar preparados para a sua missão, e as observações, os processos, os resultados em faes escolas obtidos, devam ser comparados com os de outras escolas, sob os mesmos principios, afim de que as causas e phenomenos possam ser avaliados de um modo verdadeiro; as escolas-modelo, sob este ponto de vista, dependerão dos professores da Secção pedagogica.

(Continúa.)

PEDAGOGIA PRÁTICA

Educação cívica

Materia julgada árida e sem attrativos por muitos professores, é, entretanto, de summa importancia, quando bem orientada, porque desperta o sentimento de patriotismo no coração da criança.

Em uma revista franceza deparou-se-me um plano para o ensino dessa disciplina, que me pareceu adaptavel ao nosso meio.

Reproduzo os seus traços geraes.

O professor deve começar o ensino desta matéria pelo das obrigações da propria classe. Palestrando, com os alumnos, sobre o começo e terminação das aulas, leval-os-á á verificação de que essas obrigações se cumprem diariamente, e a horas certas e determinadas. Em classe, cada alumno tem um logar certo, todos sabem qual o emprego de seu tempo, as lições a dar, os trabalhos a realizar. Ha na escola — ordem e divisão de trabalho — afim de que cada um — professor ou alumno, — possa bem cumprir o seu dever.

Em casa, as coisas se passam quasi do mesmo modo; tudo é regulado; ha horas certas para as refeições; cada acção é perfeitamente determinada; as obrigações de cada um são claramente definidas; cada um sabe a hora de suas principaes obrigações.

Esta série de observações começa despertando na criança, e fazendo-a comprehender, a necessidade de ordem e de cumprimento de obrigações.

Fará, sobre o assumpto, idéia mais clara ainda si, appellando para o contraste, o professor lhe chamar a attenção para o desarranjo, o incommodo, o inconveniente que causa, á familia ou á classe, o facto de um menino deixar de cumprir o seu horario, de fazer a sua obrigação no tempo opportuno ou, o que é peor, si cada um pretender fazer o que lhe approuver e como lhe approuver, sem se importar com o trabalho dos outros, esquecendo-se que, na familia ou na escola, todos têm um só fim. Dahi decorre a comprehensão da necessidade de cada um, na escola ou na familia, conhecer os seus deveres e com elles conformar os seus actos.

Comprehendendo a criança que, na familia e na escola, todos têm um fim commum, que todos os trabalhos se completam, todos os esforços se reúnem, e que cada um tem parte pelo seu trabalho no resultado colhido, será facil a criança comprehender tambem que a escola, assim como a familia, formam uma sociedade de que ella faz parte, de que ella é um dos membros.

Não custa faze-lhe comprehender a constituição da familia ou da escola, nem tão pouco que uma e outra vivem sob uma certa ordem, sob determinada disciplina.

Na familia, percebe logo a criança que ao pae cabe a autoridade como chefe; ao filho, obediencia a suas determinações; cumprindo, á mãe, o dever de abrandar o rigor da autoridade paterna, pela sua affectuosidade, que a todos acarinha.

Pondo a familia em confronto com a classe, e umas classes com as outras, todas cumprindo obrigações, obedecendo a determinadas ordens, comprehenderá o menino que existe uma autoridade, uma ordem, que todos respeitam, e logo alcança a idéia de governo.

Mostrando que as classes não vivem isoladas, que as familias se reúnem, que todos têm um interesse commum, passa a ter idéia de que existe uma sociedade mais vasta, que comprehende escolas e familias. Dahi decorre necessariamente a idéia de *município*.

Sabendo que a vida em familia depende de condições de ordem e disciplina, logo perceberá que no município todos os individuos devem sujeitar-se a regras estabelecidas para assegurar a tranquillidade de todos.

Conhecem as crianças o município em que está situada a escola; mostra-se-lhes a organização de seu governo; estuda-se no município o que é obra de sua camara, de seus municipes. Ficará, forçosamente, algum grande melhoramento, algum grande edificio, que as rendas do município não permitiam fazer. Naturalmente indagará o menino de como aquillo se conseguiu.

Terá idéia de que assim como um amigo auxilia a outro, uma familia soccorre outra, um município vizinho ajudou naquella construção. Mostrará o professor que, em parte, é i-so mesmo, mas que o auxilio foi mais geral, foi de todos os municípios, que concorreram com uma certa taxa ou imposto não só para aquelle mas para muitos outros melhoramentos.

Dahi, o menino deduz que ha reunião de municípios. Nada mais facil do que leval-o então a comprehender que a reunião dos municípios forma o Estado.

Voltando a tratar das regras a que a familia e o município obedecem, da disciplina que lhes mantem a vida, occorre mostrar as regras que o Estado estabelece, a que todos devem sub-

metter-se, do mesmo modo que os meninos se submettem ás regras escolares.

Continuando o confronto, na escola e na familia, tem o menino obrigações e regalias; no municipio, no Estado, cada um, dever e direitos. Ha regras ou leis que obrigam ao cumprimento dos deveres e, outras, que concedem regalias e direitos.

Cumprindo cada um o seu dever, respeitando o direito de outrem, disso resulta a tranquillidade e bem estar e o gozo da liberdade, dentro de certos limites.

Levando os meninos do grupo a escolherem uma directoria para os jogos gymnasticos, composta de um chefe, um sub-chefe, um secretario, tres ou quatro auxiliares, prepara-se-lhes o espirito para comprehenderem a eleição de vereadores, de presidente da camara, vice-presidente e demais membros.

Si se inventa uma festa, a que o club gymnastico deve comparecer, todos se quotizam, para occorrer á necessidades do clube e as despesas não vão pezar apenas sobre a directoria.

Havendo, no municipio, melhoramentos a fazer, logo, por analogia, comprehendem a obrigação de cada um em contribuir com a sua parte. Dahi resulta a comprehensão da legitimidade do imposto no municipio, de que é facil deduzir a necessidade do imposto no Estado. Basta para isso um qualquer facto, a prisão por exemplo de um criminoso, effectuada pela força policial.

Sabem as crianças logo que não é o municipio quem paga a força publica; e que essa gente trabalha, arrisca a sua vida para manter a ordem, e reduzir á obediencia os indisciplinados, reprimir os malfeteiros. Quem lhe paga todo o trabalho? O Estado, que não o faz, porém, directamente. Como todos gosam do beneficio da paz, da tranquillidade, da segurança, todos concorrem com algum dinheiro, na proporção de suas rendas para manter a força.

Ha no municipio a cadeia publica, predio sumptuoso, o edificio do grupo escolar, com 18 ou vinte professores, alguns empregados, ha no grupo mobiliario e livros e, tudo isto, bem vê a criança que não é pago pelo municipio. Com esses e muitos outros exemplos, comprehende a infancia a necessidade da cooperação de todos para o bem commum.

Para que os meninos possam fazer ideia de a quanto monta a pequena quóta de cada um, precisa fazer ideia clara da população, e a apresentação do recenseamento do municipio, dividido em freguezias, districtos e familias, vem esclarecel-os.

Pretendendo fazel-os comprehenderem algumas leis do municipio e do Estado, procurar-se-á estabelecer a analogia entre ellas e o regulamento escolar. Basta a leitura de alguns topicos destes e a de uma outra lei para que a semelhança transpareça.

Após uma palestra sobre a vida escolar ou familiar, os commentarios se explanam á vida social, e os meninos comprehendem a existencia de tantos funcionarios, de tantos institutos, cujo fim não comprehendiam ou não lhes tinham despertado a attenção.

Um sem numero de factos cairão, assim, sob a observação da criança, que não só fará, com todos esses exercicios, clara ideia da constituição social, mas da formação da fortuna publica, da applicação da renda, do funcionalismo, da arrecadação do imposto e da sua applicação e, acima de tudo, comprehenderá que tudo isso é o resultado da cooperação de todos, de que a sua familia e ella propria fazem parte. Terá ideia da necessidade de disciplina e ordem; comprehenderá o que é submissão digna ás leis e ás autoridades. Será, em summa, o menino, assim educado civicamente, conscientemente disciplinado.

Isto só, porém, não basta para promover a educação civica. É necessario tocar o coração da infancia, despertar-lhe enthusiasmo pelos progressos da familia e da escola, pelos melhoramentos do seu municipio, pelo adiantamento material e moral de seu Estado, pela grandeza da Nação. Qual a criança que não se alegria com a prosperidade e felicidade de seular? Qual a que não comparte os prazeres ou dôres de sua mãe, si esse affecto enternece o coração dos homens feitos?!

O amor patrio tem, como base, o amor da familia, que se expande ás familias amigas, abrange o municipio, dilata se até ao Estado e á Nação.

As palestras, em casa, o proposito de obsequios ou serviços que nossos paes receberam em outro municipio ou Estado, despertam-nos sympathia não só por quem prestou, sinão pelo proprio municipio ou Estado. Logo outros laços apparecem para prender-nos cada vez mais, e o nosso Estado, e o vizinho, são objecto do mesmo affecto, de equal amor.

A singela narração da avóinha sobre o feito de um Estado inicia as crianças nas lições de historia. É a historia patria, dada atravez do conhecimento da vida dos grandes homens que pela Patria trabalharam e muitas vezes se sacrificaram, desperta o respeito, a veneração para com o passado, que tantos beneficos legaram á geração presente. Essas conquistas de nossos maiores devemos-as transmittir ao futuro, melhoradas, engrandecidas, afim de nos tornarmos dignos dos que se foram e não desmerecermos das esperanças do futuro.

É porém, imprescindivel, despertar e manter na infancia esse doce e respeitoso sentimento de amor pelo passado e, dahi advem a grande importancia das commemorações das grandes

datas nacionaes, das festas civicas, das homenagens prestadas aos grandes bemfiteiros da Patria.

A historia de nossa Patria, em parte, se reflecte em nossa bandeira, que lhe é o symbolo augusto. Assim se espelham as suas tradições, ali se estampam as esperanças de um futuro de paz, sob o regimen da ordem.

*ARISTIDES DE CASTRO.

Educação moral e civica em nossas escolas primarias

«A educação é uma segunda natureza».

O pensador que enunciou este principio, atirando-o para o meio revolto do mundo intellectual, naturalmente, ao empregar a palavra educação, quiz referir-se não sómente ao conjuncto dos conhecimentos scientificos, mas, principalmente, ao desenvolvimento da organização moral do homem.

A moral é para o individuo em sociedade o que o influxo nervoso ou vontade é para os musculos de um corpo vivo — o motor.

Eis porque «no ensino, a mais alta preocupação é educar».

A educação moral e civica, pela sua natureza e capital importancia, não devia figurar isoladamente, não devia occupar logar distincto, no programma e horario de nossas escolas, mas servir de base á integridade do ensino.

Este nosso modo de ver justifica-se facilmente. Fazer do menino um homem cada vez mais forte e bom, e, ao mesmo tempo, um cidadão conscientemente dedicado aos interesses patrios, é o supremo escopo da educação moral e civica. Ninguem mais hoje acredita na virtude dos preceitos, fórmulas e regras educativas para a formação moral e civica; o que realmente vale, o que fundamente cala, é a lição do facto, é a força poderosa do exemplo. dado pelo proprio educador. O seu modo de apresentar-se e agir em classe, na rua, nos logares de diversões, nos templos, por toda a parte, onde possa ser observado pelo educando, o seu modo de commentar, sua maneira recta de julgar, seu acerto no resolver, são lições vivas e fecundas, que penetram na alma infantil, e ahí deixam indelevel imagem.

Mais do que os grandes vultos da historia, influe na criança o exemplo vivo do mestre, que ella conhece de perto e, si se lhe affeição, procura imitar.

Tivessem todos os professores preocupação educativa, acreditassem todos na influencia poderosa do character fórte e recto, que todos seriam ou procurariam ser os mais perfeitos modelos de imitação; e a sociedade se reformaria pela escola.

Das observações colhidas em longo tirocinio escolar, de outras colhidas em inspecção, resulta, para mim, a plena convicção de que é vão, inutil e, quiçá, prejudicial, o ensino de moral por

meio de lições especiaes, quando consistem, apenas, na repetição de máximas ou preceitos recitados de cór, onde quasi sempre o coração da criança não participe de modo algum, nem mesmo da belleza das frases que, inconscientemente, declama.

O ensino moral, assim como o ensino cívico, devem ser dirigidos á sensibilidade, ao coração da criança: a observação de factos, a sua comparação, o seu confronto, despertam a emoção, a piedade, o enthusiasmo.

Então, está a alma da criança em condições de agir, por que sente.

O ensino que tem por fim desenvolver em seus corações as boas tendencias, os sentimentos nobres e elevados, não actúa por preceitos, mas por factos que tenham caído sob dominio do educando.

Para que a criança, quando adulta, possa realizar o seu destino individual e social, é preciso habituá-la, desde cedo, á pratica do bem, que cultiva os bons sentimentos; é necessario faz-la comprehender logo o inconveniente do mal, interessando-a pelos que padecem; é preciso tirá-la da resistencia que a torne capaz de se não deixar influir pela acção deleteria do meio em que por acaso se encontre.

Quaesquer que sejam os principios recebidos pela criança, em sua primeira educação, ella tem, quasi sempre, quando chega á escola, em condições normaes, idéias mais ou menos vagas do que deve e do que não deve fazer, isto é, do bem e do mal.

Ao professor, pois, que tem perfeita e clara comprehensão do seu dever, cabe, então, tornar bem accentuadas essas noções apenas esboçadas.

Só o conseguirá, porém, se tiver tanto amor á sua profissão e á infancia que a ellas se dedique completamente, e por isso trate desde logo de estudar o natural da criança, suas inclinações, sua aptidão, sua sensibilidade, seus costumes do meio familiar, afim de agir sobre o terreno conhecido, cujo amanhã e preparo, para colheita de bons fructos, desse conhecimento dependem.

A moral não é só, porém, uma consequencia da sensibilidade, o é tambem do raciocinio; embora, como é natural, nas crianças prepondere a sensibilidade sobre o raciocinio. E', pois, dirigindo, actuando sobre a sensibilidade, de preferencia á razão, que a criança deve ser educada.

Eis a razão por que reputamos estéril e inutil o ensino da moral á infancia, quando elle não lhe interessar o coração, provocando-lhe o amor do bem pelo bem, desenvolvendo-lhe o enthusiasmo pelos factos e, principalmente, pelos actos elevados.

Para alcançar esse resultado, que constitue o objectivo principal do ensino, é necessario, imprescindivel, que o professor se dedique ao estudo da psychologia infantil.

O ensino da moral, repetimos, não deve ser ministrado ás crianças em dias determinados nos respectivos horarios, mas em todo o decorrer do periodo escolar, a proposito de qualquer assumpto ou incidente verificado na classe, no recreio ou na rua.

As «Instrucções sobre a orientação do ensino primario», tratando deste importante assumpto, ensinam: — «uma lição de moral ou de civismo, dada a proposito de um facto actual, impressiona a criança, actua sobre ella. Os acontecimentos da classe, da rua ou da cidade, uma festa de caridade ou cívica, uma eleição, a abertura ou o encerramento do Congresso, a posse de um presidente de Estado ou da Camara Municipal, o julgamento de um criminoso, etc.»

São, como vemos, inumeros os factos que offerecem subsidio ao professor intelligente e dedicado ás suas fructuosas aulas de educação moral e cívica.

Na Capital, muitas crianças assistem á posse do presidente do Estado. Grande numero de pessoas gradas, as autoridades judicarias, militares, o alto commercio, os maiores representantes da industria, da imprensa, banqueiros, lentes das academias, todos vêm prestar homenagens ao eleito do povo.

Quem é elle, no entanto? Um simples cidadão, saído das classes populares, um filho do povo que, pelo seu amor ao trabalho e ao estudo, pela rectidão de seu character, se impoz á consideração do povo que, reconhecendo taes qualidades, o escolhe e lhe confia o governo do Estado.

A que bella paestra não dá logar um facto deste? Quanto ensinamento moral! Quanto civismo é capaz de produzir, na infancia, a noticia da vida modesta de trabalho desse homem que, saído do povo, sóbe á culminancia do poder!

Que ideal alevantado a apresentar ás crianças, e do alto conceito em que cada um será tido, sómente pelo valor de sua intelligencia, alliada á integridade de seu character.

Dada a noticia da vida do patricio illustre, do seu trabalho, apresentando-o como exemplo aos meninos, a cada um dos quaes se poderá mimosear com um retrato, não é evidente que essa lição perdurará e influirá beneficemente na formação da vontade e do character da maioria?

No interior, a noticia do jornal, o retrato, os commentarios produzirão excellentes resultado.

Infelizmente não é muito grande o numero de professores que dão ao ensino esta feição racional.

Em regra, limitam-se a ensinar ás crianças um certo e determinado numero de maximas, que ellas decoram e repetem diariamente, ignorando completamente o valor e a importancia dos conceitos que encerram.

E como deixaria de ser assim, si muitos nem ao menos se dão ao trabalho de explicar ou commentar a maxima, quanto mais ao trabalho mais proficuo de ligá-la a um facto real ou imaginario, mas que, em todo o caso, deixaria no coração da criança uma imagem que a qualquer tempo poderia ser evocada?!

A decóração inconsciente, tanto na disciplina de que nos occupamos, como em qualquer outra, é modo illogico. inadmissivel de ensino, é puro psittacismo que desnatura a funcção educativa da escola e arrisca ainda prejudicar a memoria infantil.

Ninguém terá deixado de observar que uma lição de sciencia, dada á vista do objecto, com uma experiencia, por simples que seja, domina a atenção infantil: mas que a classe toda boceja, se espreguiça, ao ouvir uma narração em discurso seguido. Ella se desinteressa, e a fadiga sobrevem pelo aborrecimento.

Vê-se, portanto, o fino tacto a exigir do professor para que, em assumpto moral, consiga prender a atenção e, sobretudo, commover a criança.

Uma lição que apparece, como si não fóra procurada, quando a classe teria de se occupar de outra disciplina, pelo inesperado desperta a atenção. Abi um conto bem feito, um episodio interessante de historia, encontra a classe bem disposta e exerce sobre ella influencia duradoura. Faça-se, porém, a criança tirar as consequencias e, em absoluto, se não queira desvirtuar o fim a attingir, abstenha-se de dizer á classe: — «Isso nos ensina»; «do exposto se conclue», etc.

Não se esqueça principalmente da judiciosa observação de Isaac Taylor:

«Pour inculquer à l'esprit les principes moraux que nous fournit l'histoire, il faut profiter des rares moments où tous sont dans un état de douce émotion, et dans une disposition d'esprit plastique, pour laisser tomber un mot ou deux de conclusion pratique, pour énoncer une maxime bien dirigée, qui grâce à son affinité naturelle avec l'émotion du moment, s'unisse d'une manière inséparable au souvenir des faits. (Bain p. 299).»

Não pôde olvidar o professor do grande proveito que, em classes mais adiantadas, tirará sempre do appello aos sentimentos de dignidade e honra dos meninos, do apreço que lhes dão

ao modo por que os seus pais são julgados á vista do seu procedimento delles filhos. Assim falará o professor á alma da criança e conseguirá despertar e manter nella os nobres sentimentos.

Relativamente á educação civica, cumpre-nos dizer que, sómente em alguns grupos escolares, é dado o ensino com algum aproveitamento; nas escolas isoladas é, com raras e honrosas excepções, completamente descurado.

E', entretanto, uma das disciplinas que mais cuidado e interesse deviam merecer ao professor, por isso que ella concorre, poderosamente, para fazer despertar nas crianças — o patriotismo — indispensavel qualidade de um bom cidadão.

Em todo o ensino, manda o bom methodo partir do conhecido para o desconhecido.

Consequentemente, no ensino civico, o inicio forçoso é o da sociedade. Aqui, como alhures, bem pouco valem as definições. Tratará o professor de fazer compreender á criança o que é o meio familiar em que ella vive, quaes são ahí suas obrigações e as de todos os outros membros da Familia. Fará uma palestra sobre os serviços, os deveres, os direitos do chefe, do pae de familia, sobre a realização de seus trabalhos, á hora determinada de certas obrigações. Continuará a palestra levando o pequeno a narrar o que deve ao carinho de sua mãe, os sacrificios a que ella se entrega para lhe poupar qualquer soffrimento, a boa vontade com que ella cumpre as determinações de seu marido. Indagará do que costuma fazer em casa o pequeno: a que hora se levanta, si tem horas certas de refeição, de exercicio, de trabalho.

Da palestra resultam diversas noções:

I, que a familia é uma pequena sociedade, constituida, geralmente, por tres factores: pae, mãe e filhos;

II, que, na familia, ha uma autoridade exercida pelo pae, a que todos se submettem, não por temor, mas por conveniencia do bem commum;

III, que, na familia, todos — pae, mãe e filhos, — têm obrigações, deveres a cumprir.

O confronto da vida da familia com a do grupo escolar torna mais clara a idéia de governo e de autoridade; a distribuição de serviços, a horas certas pelos professores, empregados e alumnos, dá idéia do dever a cumprir; o trabalho de todos, idéia de cooperação para um mesmo fim; o trabalho de cada alumno fál-o compreender-se como parte, quer do grupo escolar, quer da familia, e o leva a ver que é membro de uma e de outra sociedade.

Si mostra o professor que o homem não vive nem póde viver isolado; que as familias tambem se reúnem, têm as mesmas necessidades, se entre-auxiliam, se soccorrem, se unem; com bem pouco trabalho terá a criança idéa clara do municipio.

A constituição do municipio, os trabalhos que ahi se realizam, a cooperação e contribuição de todos, a obediência a certas leis, o cumprimento de certa somma de deveres por parte de todos e de cada um, dão, ao menino, nova série de noções, que o habilitam a compreender uma sociedade mais vasta. A união dos municipios traz a idéa de Estado.

As promoções, as regalias observadas no grupo escolar, em consequencia do cumprimento de deveres, encontram analogia nos direitos que a sociedade lhe outorga, na consideração que liga aos seus meritos. Assim, desde a escola, vai compreendendo a criança que faz parte de um grande todo, para o qual trabalha e que della espera ainda muitos serviços; compreende tambem e, cada vez mais, que sua actividade não se confina no estreito ambito da familia, mas deve extender-se a todo o ciclo social.

Para que consiga o mestre dar realidade ao sentimento patrio, não ha como partir do amor materno, o mais intenso no coração da infancia; ligal-a, por esse meio, a tudo o que a cerca e tambem é objecto da affeição materna; mostrar-lhe que seu pequenino coração abriga o amor pela mãe que idolatra, pelo pae que respeita, pelos irmãos que estima, pelos avós que venera, é faze-la capaz de amar já grande numero de entes. Demais, ama a criança os amigos da familia e as familias amigas, os parentes destas; ama e zela do que lhes pertence e lhes é caro. Nesse elasterio vai seu amor compreender a patria, constituída de esforços de sangue e de lagrimas de nossos antepassados.

Para manter sempre vivo o amor ao torrão natal contribuem os factos provenientes da historia e a biographia dos grandes bemfeitores. Com essas noções se prepara o amor de toda a humanidade.

A nossa orientação está de harmonia com as «Instrucções sobre o ensino primario» dadas pela Directoria Geral:

«A idéa de patria naturalmente se deriva do canto de terra, da casa em que a criança nasceu, do pequeno canteiro do jardim da morada paterna, da casa dos parentes e dos amigos; dahi se expande, se dilata pela cidade, pelo municipio e Estado e assim successivamente. O amor da patria, de principio se deriva

do amor de mãe, abrange depois o amor de pae, dos irmãos, dos parentes, amigos e conhecidos.

«O respeito pelo retrato materno ou paterno, pelo dos grandes homens (cuja vida conhece) traz o respeito pela bandeira — retrato e symbolo da Patria.

«A necessidade de governo e autoridade no Estado decorre da compreensão de sua necessidade na casa e na escola, etc.»

As palestras civicas, as comemorações das grandes datas nacionaes, as biographias dos grandes homens, serão outros factores do alevantamento do sentimento civico.

E' essencial, porém, que as palestras de caracter civico, as comemorações, as festas da bandeira, etc., despertem, nas crianças, entusiasmo, provoquem verdadeiro respeito pelos nomes, datas e factos commemorados, desenvolvendo em seus corações, ao mesmo tempo, admiração profunda pelas coisas nacionaes.

E' só assim, curando da educação moral e civica das crianças, desde os bancos escolares, que poderemos concorrer para retemperar, tonificar o caracter nacional tão abatido, tão enfraquecido.

LEOPOLDO SANT'ANNA.

LITERATURA INFANTIL

Festa das Arvores

Quando, em Setembro passado, ha um anno portanto, nos reunimos sob este mesmo tecto, foi para commemorar a «Festa das Arvores», sabiamente instituida, ha poucos annos, nas escolas publicas do Estado, pela Directoria Geral da Instrucção Publica, com o fim de estimular a infancia escolar a proteger e admirar as arvores — feituraes tão delicadas da natureza.

Por occasião dessa festa e das anteriores, os ouvintes se deleitaram com a eloquencia de oradores eruditos, que galhardamente se desquitaram da mesma tarefa, que, para hoje, me foi imposta, pelo illustre e dedicado director deste Grupo, e que, difficil e acanhadamente irei desempenhar.

* *

Meus senhores.

A pedagogia moderna impõe ao professor primario, grandes responsabilidades, entre as quaes sobresaí a de ministrar á infancia as bases de uma hygiene moral, como seja a cultura de seu pequenino coração, no tocante ao que diz respeito ao Bem, na expressão mais perfeita do vocabulo, afim de que ella, a criança, se torne no futuro, um ente bom e util á familia, á sociedade e á Patria.

Todas as festas escolares ou infantis, surtem effectos, os mais proficuos, em relação á criança, desde que o seu fim collimado seja o educativo — fim exclusivo da «Festa das Arvores». Celebrada desde ha muito, meus senhores, com toda a pompa, devido á religiosidade dos nossos antepassados, foi ella se aperfeiçoando, a ponto de, sua celebração, se tornar hoje indispensavel, nas escolas dos paizes cultos e civilisados, como a França e a Allemanha, a Suissa e a Belgica, a Hollanda e os Estados Unidos.

A Grecia rendeu cultos ao pinheiro, ao loureiro, ao mirto e ao freixo. A Allemanha sempre devotou amor ás arvores. A França tem considerado o carvalho. A Germania teve as suas arvores sagradas.

Foram, e ainda tem sido, meus senhores, com a plantação das arvores, solennisados os marcos mais importantes da vida dos povos.

Por isso mesmo, meus senhores, foi que os paizes, que se destacam na vanguarda da civilisação, puzeram em pratica a «Festa das Arvores», como festa nacional e educativa, porque ella suggestiona o espirito do educando «para a conquista livre dos ideaes e do progresso».

A criança, disse alguem, deve ser respeitada, educada pelos olhos, pela intelligencia e pelo coração, dando-se-lhe gostos simples, tornando-a laboriosa e util, fazendo-lhe criar o amor respeitoso pela natureza, pelas cousas inferiores e inanimadas, como os animaes, as plantas, a agua, a montanha, o sól, tudo o que existe e nos torna a vida este harmonioso conjuncto, que a maior parte das vezes só o homem faz hostile e desagradavel.

Não obstante, meus senhores, a pedagogia e a medicina, sempre tem proclamado altamente o exito salutar, operado no debil organismo da criança, á influencia de uma desejavavel e immaculada alegria.

* *

Bondosos alumnos.

Como já o sabeis, quiz a generosidade do distincto director deste grupo, que eu, modesto professor nesta casa de ensino, viesse vos falar sobre a «Festa das arvores», aqui hoje celebrada, conjunctamente com a commemoração da Independencia de nossa Patria.

Milhares de crianças, como vós, neste mez bemquerido de setembro, ouvirão de seus professores lições sobre as plantas, mostrando-lhes os beneficios que ellas prestam ao homem, ensinando-lhes a amar as arvores que são, no dizer de emerito escriptor, o rir suave da natureza.

Aqui, pois, tambem me acho para esse fim.

* *

Hontem dominava o inverno.

Collinas nuas, campos resequidos, vegetação agonisante e amarellecida ás reacções dos raios solares, tudo perdeu a belleza, o viço, a vitalidade.

Estiolaram-se folhas perdendo o seu verde intenso, empobrecendo o painel riquissimo da natureza.

Hoje, porém, vindes festejar a entrada da primavera, — a dulcíssima estação do anno, em que a brisa passa trescalando a perfumes suavísimos das flôres; estação que traz o vigor intenso aos seres da natureza, e, a vida, aos scenarios opulentos das paragens brasileiras. Reparae que o verde admiravel das florestas casa perfeitamente com a belleza dos céos, á luz vigorosa do astro que ora nos illumina.

Crescem as plantas mais robustas, erguendo, em festa, suas frondes salpicadas de flôres, de onde hão de sair os sabrosos fructos vermelhos e doirados.

Até os arbusculos se ostentam magestosos, cheios de ramos sadios, aos impulsos de uma seiva mais nutritiva.

A natureza morta parece ter vida, quando a primavera está na sua plenitude.

Transmuda-se a face da terra, pela reacção mysteriosa, pelo mysterio profundo de Deus.

* * *

O Brasil, crianças, minha adoravel Patria e berço querido de vós todos, possui a superficie de 8 milhões 524 mil kilometros quadrados, toda emoldurada de vegetação abundante — fonte tambem de grandes riquezas.

E é sob este solo immenso que se alevantam serras rendilhadas que contrastam as planices vastas e horizontaes, regadas por caudalosos rios navegaveis.

Largos plainos ondulantes que se perdem de vista, serranias encantadoras de uma belleza estupenda, formando admiraveis paysagens, recamadas de vegetaes seculares cheios de folhas, bastos de ramos, plenos de flôres e abotoados de fructos, recebem a luz vivificante e fecunda do sol.

Emtanto, si me alegro em vos poder dizel-o, contristo-me em vos narrar que já ha grandes claros em nossas florestas, no seio de nossos sertões formosissimos, feitos, não pela natureza criadora e bondosa, mas pela selvaticueza, pela indolencia do homem — o mais terrivel dos agentes geologicos — que, por ignorancia ou egoismo, é o fazedor de desertos, ora com a furia do aço lampejante, ora com a saciedade do fogo — calcinador do solo bemfazejo.

Eis porque, já por toda a parte, vemos outeiros melancolicos, onde só brotam as samambaias, immensos descampados cheios de ervas moribundas e rasteiras.

E, o homem que contribue para esse selvagismo, coopera, impatrioticamente, para o empobrecimento de sua Patria, além

de lezar, criminosamente, os seus descendentes, destruindo uma parcella de suas riquezas.

A insensata devastação das mattas favorece as seccas, corre para o augmento da pobreza, para a modificação dos climas, tornando as terras crescentemente estereis.

Considerando tudo isso, eu vos peço, meus amigos e alumnos, appellando para os vossos sentimentos puros, em nome de vossa meiguice, que tenhaes amor ás plantas que tanto nos beneficiam.

Não vos destaco nenhuma, porque todas nos são preciosas.

Sede bondosos para com ellas; reagi, em occasião que vos for possivel, contra a destruição desordenada das mattas, contra esse excidio hediondo, contra esse crime brutal e horrivel.

As plantas são nossas amigas, fornecem-nos o alimento, o vestuario, e os medicamentos; favorecem as chuvas, garantem a existencia das fontes e exhalam, durante o dia, o oxygenio — gaz componente do ar e purificador do nosso sangue. Fornecem-nos ainda a sombra, nos dias calmosos de um sol ardentissimo, e abrigam, em seus galhos, entre as bordas quentes dos ninhos primorosos, as avesitas implumes e os amores das aves bemqueridas. Amae e cultivae as plantas, com carinho, alegria e bondade.

Morta ou viva, a arvore é tudo, dil-o Coelho Netto.

São esses os conselhos que vos dou, são esses os pedidos que vos faço.

* * *

Meus senhores.

Acabo de dar alguns conselhos aos meus bondosos alumnos e vossos queridos filhos.

Seja-me permittido, porém, que, neste momento, me volte novamente para vós, respeitoso e humilde, com o respeito que costume dedicar a todos e com a humildade do meu nome, para pedir-vos que o vosso auxilio de paes extremos, ampare os esforços dos educadores, para que a futura mocidade, de quem a Patria muito espera, eleve muito mais ainda, com o brilho de sua intelligencia, com a pureza do seu character e com a bondade do seu coração, este paiz riquissimo na fauna, e grandioso na flóra, ao nivel das nações mais cultas.

Muito se tem dito, meus senhores, muito se tem escripto contra a devastação descomedida das mattas brasileiras, de cujo mal a nação toda já se vae resentindo.

Emtanto, nada se tem feito, devido á pouca importancia que os brasileiros, com raras excepções, costumam ligar a as-

sumptos de tão grande importancia desde que não se relacionem á politicagem nefasta, conspueadora dos direitos da soberania nacional, procurando amesquinhar, tornar pequenina, esta grandissima nação.

As continuas *derrubadas* que se fazem, quer nos sertões, quer nas circumvisinhanças das cidades, são um attentado barbaro contra essas riquezas vegetaes, concorrendo tambem para a diminuição das aguas e occasionando consideraveis perdas, já pelo lado pecuniario, já pelo lado da sciencia.

Imitemos os americanos do norte, no zelo que têm para com as suas florestas, chegando ao ponto de desapropriar as que são de utilidade publica.

Ainda ha pouco, aquelle doutissimo governo adquiriu, com uma verba de 10 milhões de *dollars*, votada pelo congresso, os fontanes isto é, as florestas das cabeceiras dos rios navegaveis, com o fim de que as suas aguas não se diminuam.

E pensam com acerto, muito acertadamente, tendo-se em vista ainda que as aguas, abastecendo fartamente as usinas, nos dão indirectamente a força motriz, a illuminação e o calor.

A vegetação, meus senhores, regularisa tambem a régua dos campos, fixando o periodo das chuvas.

Protestemos contra as *derrubadas*, e mais ainda, contra as feitas pelo fogo — systema barbaro de agricultura que não mais é para o nosso seculo, denominado das luzes.

Do contrario, estaremos sujeitos, ora ás grandes inundações ora á periodos longos de seccas, provindo d'ahi, como alguém vaticinou, duplo prejuizo para as fabricas e para a constancia dos nossos climas.

A Assyria, a Babilonia e a terra da Promissão desapareceram do quadro das nações, devido á devastação completa de suas florestas.

Então, as chuvas se espaçaram, as seccas foram consideraveis, os rios perderam quasi a totalidade de suas aguas, para depois se transbordarem impetuosamente, levando comsigo, na sua corrente vertiginosa, todos os humos do solo.

E hoje, aquellas charnecas miseraveis, onde as fontes são de muita exiguidade, nem para pastagens servem.

O córte das mattas é um crime contra a riqueza florestal de um paiz e contra a salubridade do seu clima.

Apezar disso, o nosso poder legislativo chega ao ponto de estabelecer, como estabeleceu em 1911, um premio federal a quem mais exportasse madeira de lei! Assim sendo a nossa floresta se exgota, o nosso paiz se aniquilla!

O Brasil, meus senhores, mais do que qualquer outra nação do globo, sem prejuizo algum, poderia exportar madeira para

todo o mundo, desde que os poderes competentes criassem commissões destinadas á propaganda da selvicultura.

Outras medidas poderiam ser tomadas, como a creação de um imposto, que não seja vexatorio a cada alqueire de matta que se derrubasse.

Esse imposto não seria prohibitivo, mas sim á guisa de uma penalidade e veria minorar os males que, em futuro não muito remoto, hão de affligir os nossos descendentes.

Para grandes males, altos remedios, diz o adagio.

Além disso, poderiam crear ainda premios, não para os exportadores de madeiras de lei, mas para os replantadores das nossas florestas.

A replantação das mattas, garantirá o córte das madeiras, a extracção da lenha para combustivel e a fixação do nosso clima — tres questões de summa importancia a se resolverem em nosso paiz.

As estradas de ferro, são, como sabeis, meus senhores, valorisadoras dos terrenos por onde passam, concorrendo para a civilisação.

Pois a importancia de um paiz ou de um Estado, tambem se avalia pela kilometragem dos trilhos que cobrem a sua superficie.

No Brasil ha varias (cuja direcção se acha a cargo de pessoas que se julgam criteriosas) as quaes, a par dos grandes beneficios que produzem, consomem annualmente cerca de 3 milhões de metros cubicos de lenha, empregados como combustivel, si não falham as estatisticas, não se falando ainda no que gastam em dormentes!

Essas estradas concorrem, pois, grandemente, para a destruição das mattas brasileiras.

Os ignorantes erram por ignorancia, porém os illustrados, porque querem errar.

A Companhia Paulista, que nesse numero se acha, tem procurado minorar o mal, iniciando a arboricultura nos seus diversos hortos florestaes, com a plantação de eucalyptus, para o fornecimento de dormentes.

Quanto ás municipalidades, ha algumas que descuram até de lançar as suas vistas proteccionaes para as florestas das cabeceiras das fontes de aguas potaveis!

Si assim continuarem, as populações soffrerão consequencias iguaes ás que estão soffrendo os paulistanos, em relação á falta d'agua, cujo problema até agora se acha insolavel, segundo declaração do Director da Repartição de Aguas da cidade de S. Paulo.

Felizmente, meus senhores, habitamos em uma localidade, onde os poderes publicos já cogitam da protecção ás arvores.

Um sabiá prisioneiro

(DIALOGO)

Rubens

Quero dar-te uma noticia,
Que te vae causar delicia.
Trago, aqui, neste alcapão,
Um formoso sabiá,
Que, a cantar vi, acolá,
Ao pé do caramanchão.

Modulava um terno canto,
Tão repassado de encanto
Que, ao ouvil-o gorgear,
Possuil-o tive desejo.
Não o deixei escapar.

Elisa

Pelo que vejo, priminho,
Não sabes, do passarinho
A mui grande utilidade,
Nem tão pouco comprehendes
Que ao nosso bom Deus offendes,
Praticando uma maldade!

Lembra-te que essa avesinha
Tão linda quão pequenina,
Tem um lar para cuidar,
E que, agora, os seus filhinhos
Implumes, muito afflictinhos,
Reclamam-n'a sem cessar!

Rubens

Como és tola, bôa Elisa,
Tudo te sensibilisa!
Socega, não te apoquentes!
Este passaro cantor
Será cuidado com amôr,
Terá só dias ridentes!

E si contar, porventura,
Filhotes, — a desventura
Não irá ter ao seu ninho;
Pois, o outro sabiá
Tudo por elles fará
Com o maximo carinho!

Elisa

E poderás affirmar,
Sem que temas te enganar,
O que acabas de dizer?
Bem se vê que a tua idade
E' cheia de ingenuidade,
E que és máu sem o saber.

Mas, inda é tempo, priminho,
De te tornares bomzinho!
Vê como a ave procura,
Luctando com afflicção,
Deixar a dura prisão
Que, por demais, a tortura!

Rubens

Tudo o que vês, afinal,
E' explicavel, natural!
— Temendo ser maltratado,
Quer o passaro fugir. —
Mas, depois que elle se vir
Numa gaiola encerrado,

O seu medo passará
E, contente, cantará
Em sua ideal morada,
Onde o melhor alimento
Terá sempre a seu contento
Com agua pura e gelada.

Elisa

Mas julgas, meu caro primo,
Que o sabiá no seu imo
Não nutre intensa saudade
Pelo seu ninho adorado?
E que, assim, enclausurado,
Elle olvida a liberdade?

Oh! desalmado não sejas!
E, si ditosa me almejas,
Abre esse féro alçapão
E torna essa ave feliz!
A voar Deus sempre a quiz,
Do espaço na vastidão!

Rubens

Tuas palavras bondosas,
Expressivas, amorosas,
Causaram-me tal effeito
Que, falo-te com franqueza,
Sinto já grande tristeza
Por tudo o que tenho feito!

E o que eu disse, confirmado
Has de ver! O ser alado,
Agora em o meu poder,
Livre, em breve, voará,
E, para os seus voltará,
Sem mal algum padecer!

Elisa

Tão bella resolução
Alegra-me o coração!
Evitar uma maldade
Contra os bons dos passarinhos
E' dever dos menininhos
Que primam pela bondade!

E como és tão generoso,
Complacente, piedoso,
Vaes conceder-me o favor
De eu mesma o alçapão abrir.
Quero ver a ave fruir
Da natureza o esplendor!

Rubens

Como foste a protectora
Desta ave, libertadora
Sejas da mesma também!
Toma, pois, esta armadilha
Que o sabiá tanto humilha
E que eu vejo com desdem!...

Elisa

Emfim, vou cantar victoria!
Desta lucta é minha gloria!
E's livre, meu passarinho!
Desprende vôo ligeiro
E, sem cessar, altaneiro,
Vae repousar no teu ninho! (*)

Ambos, cantando:

O mimoso sabiá
No seu lar logo estará,
Gorgeando,—que primor!—
Entre os filhinhos queridos,
Que, alegres, embevecidos,
Os fitarão, com amor!

Meninos, sêde bondosos!
Nunca os passaros formosos
Trateis sem contemplação.
São elles que, com os biquinhos,
Vão destruindo os bichinhos
Que estragam a plantação!

JOTA

(*) Solta o sabiá.

A Guerra

No Velho-Continente, agora ensanguentado,
 Quanta scena de dor! quanto choro maguado
 Não andará ferindo amantes corações?!
 Enquanto, entre fusis e bolas de canhões,
 Morre um pai, morre um filho, um irmão extremo,
 Passa a deusa da guerra, em cortejo horroroso,
 — Fauces hiantes mostrando ao mundo, que estremece!
 Deante de tanto horror, como a gente padece
 Ao vêr tombar assim a Civilisação!
 Ao vêr aniquillado um povo, uma nação,
 Que do Christo conhece a mais santa doutrina,
 Aquella que ensinou, que a religião ensina
 De amarmos mutuamente, amar e ser piedoso!...

Alevantae, christãos, o olhar ao Deus bondoso,
 E pedi-lhe, com fé, a paz para essa gente,
 Que outróra deu lições ao Novo-Continente!
 A paz, que tudo cria e tudo vivifica,
 — Da mais pobre nação faz a nação mais rica!
 E, a mancheias, espalha o bem por toda parte,
 Levando, do Progresso, o mais bello estandarte!
 E' preciso surgir a deusa Paz na Terra
 E aniquillar de vez o mastodonte-Guerra!
 Essa fera cruel de fauce escancarada,
 Que, qual cyclone, vai, em louca derribada,
 Levando o Luto e a Dor por onde urrando passa,
 Deixando em seu caminho os sulcos da desgraça!
 E' um quadro pavoroso, um quadro horripilante!
 E' barbaro! E' medonho! A espada rutilante
 Descer para matar, assassinar creanças,
 Como tropheus levar, nas pontas de suas lanças,
 Um velho que já tinha os pés na sepultura!

A guerra, santo Deus! a guerra é uma loucura!
 Nem póde haver maior, mais féra atrocidade,
 De que fazer ruir por terra uma cidade,

E de sangue ensojar os campos florescentes,
 Onde andava a chairúa e tombavam sementes,
 Que o lavrador, cantando, espalhava na terra,
 Para colher depois os fructos. Mas a guerra
 Chegou com o seu cortejo aniquillando tudo!
 Trouxe o facho da Morte, e ao retinir do escudo
 Escravisou aldeias calmas, laboriosas,
 Incendiando museus e cathedraes formosas.
 Fez o dever cair vencido á Tyrannia,
 E fez o Bem ceder o campo á Barbaria!

No Velho-Continente, agora ensanguentado,
 Quanta scena de dor, quanto choro maguado
 Não estará ferindo amantes corações?!

A vós, ó Deus bondoso, as nossas orações,
 Pedindo pela Paz e pelo Bem na Terra,
 Que aniquilleis de vez o mastodonte-Guerra!

Botucatu, 1915.

ATALIBA PIRES.

NOTAS

Dois mortos illustres

A *élite* do professorado paulista acaba de perder, no curto praso de quatro mezes, dois dos seus mais distinctos membros: o director do grupo escolar de S. Simão, sr. Benedicto Landim; e o adjuncto do grupo escolar da Bella Vista, sr. Antonio Peixoto.

E coincidência notavel: ambos foram victimas da sua muita dedicação pelo ensino!

Benedicto Landim, — fallecido a 7 de Dezembro do anno findo, — oito dias antes do seu trespasse achava-se ainda á testa do seu grupo, todo dedicação, todo carinho, pela educação das oitocentas e tantas crianças, confiadas á sua direcção, ás quaes tratava com o mesmo amor solícito que tributava aos seus filhinhos.

E, por isso, foi a sua morte fundamente sentida, não sómente em S. Simão, como no seio do professorado, que nelle depositava as mais justificadas esperanças.

No momento em que se espalhou, por toda aquella cidade, a infausta nova do seu passamento, diz o «Município de S. Simão», de 12 de Dezembro: parece que por um unanime sentimento brotado nos jovens corações dos alumnos, todos se muniram de *bouquets*, de fôrmas diversas e côres variegadas, e foram, pressurosos, depol-os junto ao cadaver, e compartilhar das lagrimas da familia. »

— A molestia que victimou Antonio Peixoto foi mais atroz; levou dois annos para destruir aquelle organismo de luctador, só vencendo quando sua alma corajosa não mais poude resistir á fatalidade da destruição.

Mas, a sua missão de amparo da familia, deixou-a elle realizada.

Conseguiu encarrear no magisterio publico, com exforços admiraveis, a todos os seus irmãos, só se entregando aos cidadãos que, de ha muito, exigia a sua saude, quando o ultimo delles estava em vespéras de diplomar-se.

Foram, Benedicto Landim e Antonio Peixoto, dois magnânimos corações, e, por isso mesmo, dois optimes educadores, cuja morte precoce abriu um grande claro no seio do professorado paulista.

A's suas Exmas. Familias, enviamos, sentidos tambem da grande perda, sinceras condolencias.

Grupo Escolar de Santa Cruz do Rio Pardo

Realizou-se, no dia 13 de Maio, uma das nossas mais gloriosas datas nacionaes, a inauguração do grupo escolar de Santa Cruz do Rio Pardo, confiado á criteriosa direcção do sr. prof. Plinio Braga.

Foi com as seguintes palavras que o sr. inspector escolar da zona, prof. José Carlos Dias, entregou á Camara, ali representada pelo Presidente e os mais illustres municipales, o instituto de ensino.

« Minhas senhoras e meus senhores.

O exmo. sr. Sectarario do Interior, dr. Altino Arantes, ainda conturbado pelo golpe formidavel e rude que o feriu no mais intimo de seus sentimentos effectivos, e o digno dr. Director Geral da Instrucção Publica, um e outro asoberbados pelos relevantes affazeres attinentes á sua alta investidura, commetteram-me o encargo de os representar nesta festividade, tão grata ao meu coração de patriota e velho pedagogo.

Com effeito, sempre para mim foi motivo do mais acendrado desvanecimento o assisir á inauguração de uma casa de ensino — fóco onde luz intensa se irradia, que mais intensa não ha que essa que illumina os espiritos instraindo-os, e aprimora os corações, educando-os.

E, notavel coincidência! Hoje a patria, fremente da mais lídima das emoções, rememora o evento tão humano, consolador e sympathico da rehabilitação moral de nossa nacionalidade, com o libertamento de uma raça, até então desgraçada e opprimida, — neste recanto pittoresco do Brasil, onde a natureza se enguirlanda com as louçanias de sua formosura, levanta-se um reducto, uma cidadella forte, alçando como bandeira romper os grilhões do não saber, da incultura, que accorrentam, suffocam e anniquillam as intelligencias, tornando-as inaptas para as peles nobilitantes da vida.

Inspector desta zona, tenho razões particulares e sobejas para enorgulhecer-me do acontecimento que ora se solenniza; e o meu coração de velho e trabalhado combatedor pelas lides do ensino infla-se da mais rejubilosa satisfação, verificando, na alegria que aclareia todos os semblantes, que a intelligente população de Santa Cruz aprecia e aquilata o grande melhoramento com quem vem de dotal-a o benemerito Governo de nosso Estado.

Essa nitida comprehensão — que eu adivinho possuirdes todos vós — sobre o merecimento deste facto, torna ocioso e quasi inculpavel que me entregasse eu a enaltecer a sua grandiosidade, em phrases cujo pallor nem sequer lograriam remir a desnecessidade do emprehendimento

Cinjo-me, pois, minhas senhoras e meus senhores, a compartilhar convusco desse contentamento, que, em minha alma, é immenso, entregando neste acto ao povo desta cidade o grupo escolar que hei por inaugurado, deixando ao seu dedicado director o promover o desenvolvimento do programma que tão carinhosamente organizou para mais bri ho emprestar á sua solenisação».

A' noite, o Revdmo. padre Vicente Risi offereceu um banquete ás autoridades escolares e municipaes, sendo preferidas pelo illustre dr. Alcides Torres, em seu nome e no dos pais dos alumnos do grupo, as seguintes elevadas palavras :

«A Camara Municipal deste municipio, pelo seu digno e honrado presidente, o sr. cel. Affonso Celso Baptista, me delegou a grata e espinhosa missão de congratular-me com os seus municipios pela inauguração official do Grupo Escolar desta cidade.

Miniatura da patria, imagem reduzida d'elle, o municipio é, em materia politica, o primeiro amor do cidadão.

Esse amor, esse aferro ao torrão natal, ao circulo das relações de visinhança, de contiguidade, de commuidade de interesses, engendra o espirito civico

A autonomia local o desenvolve, o engrandece, o nobilita.

E esse patriotismo local, de si mesmo intenso, sereno, duradouro, é a raiz do patriotismo nacional.

Arastada por estes conceitos, aliás expendidos por emerito constitucionalista, a Camara Municipal deste municipio, depositaria fiel das aspirações, dos sentimentos e da vontade popular, compeetrada dos seus deveres e responsabilidades, zelosa dos seus creditos, conscia das suas funcções na entrosagem politico administrativa do regimen republicano, não poupou esforços nem mediu sacrificios junto aos poderes publicos do Estado para a conquista desse monumento que hoje se ostenta ovante nos cimos desta cidade, como symbolo da sua cultura e attestado do grau de adeantamento dos seus habitantes.

E, senhores, eu me associo, com emoção e orgulho, a esse preito de homenagem que a Camara Municipal, pelo seu digno presidente, vem de formular; não com essa emoção e esse orgulho de que, ha pouco, numa allocução patrietica, o chefe do gabinete francez, em cujo verbo incandescido retumbava a alma crystallina daquelle povo engrandecido pelo heroismo e pela belleza; não com essa emoção e esse orgulho que, na expressão

de René Viviani, hão de empolgar os filhos dos homens ao terem conhecimento das paginas fulgentes, que a França está escrevendo nos annaes da Historia; não com essa emoção e esse orgulho de que falava o grande estadista assombrado, maravilhado com a barvura épica dos seus irmãos, nos campos cruentos da batalha; mas empolgado pelo orgulho e pela emoção de quem, como eu, vem assistindo á marcha evolutiva e ascencional desta cidade nas conquistas pacificas da intelligencia e nas jornadas fecundas do direito; mas, empolgado pelo orgulho e pela emoção de quem, paulista, filho desta comarca, brasileiro em summa, póde constatar d'ora avante, a obra ingente e gloriosa do meu Estado natal, — locomotiva que, no dizer de Affonso Celso, arrasta os 20 Estados da Federação; mas, empolgado pelo orgulho e pela emoção de quem, como eu, tem filhos que aqui nasceram, e cujas intelligencias precisam ser purificadas no crisol da Instrucção, porque a sabedoria e a experiencia fizeram com que Cavour moribundo, exclamasse :

— Educae a infancia, educae a mocidade!

Senhoras, a Camara Municipal, levanta a taça em honra aos seus municipios!

O «Normalista»

Recebemos o n. VIII, anno V, deste magnifico jornal, organ do Gremio Normalista «16 de Maio», constituido de alumnos da Escola Normal de Botucatu.

Encontram-se nelle, além de bem elaborados artigos, algumas po sias de incontestavel valor, já pelo estylo, já pelas idéias, que attestam o real proveito com que é, naquelle instituto, ministrado o ensino.

E' d'O *Normalista* a poesia, que, em outro logar transcrevemos, da lavra do alumno sr. Ataliba Pires.

Movimento associativo

Deixou de ser procurador social o sr. Assis Velloso, pelo que, os srs. associados que tiverem de enviar suas procurações as dirigirão ao cidadão Aristides Pereira Leite, declarando nel-las que podem ser substabelecidas, afim de que não venham a soffrer interrupção no andamento de seus pedidos.

Toda a correspondencia será dirigida ao Secretario da Associação, prof. Demosthenes Marques, rua das Flores n. 9-A

Os srs. associados têm direito, gratuitamente aos serviços do procurador social, que trata nas repartições publicas do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs. professores e professoras.

Está á venda o oitavo volume da *Revista*, 1911-1914, para completar as antigas collecções, oito fasciculos, preço 5\$000; a enviar pelo correio, mais 500 réis de porte e registro.

Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continúa a representar, na imprensa, a *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*.

E' o seu organ; a ella devem ser endereçadas (rua das Flores, 9 — A), os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Os membros da *Associação* continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados poderão obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

Continuamos a receber grande numero de publicações, com as quaes gostosamente permutaremos.

As recebidas ultimamente são :

Revista de Educacion, La Plata, Republica Argentina.

*Educação Naciona*l, Porto.

Avença, Revista Escolar, Ceará.

El Monitor de La Educacion Comun, Buenos Ayres.

Boletim da Alliança Franceza, Paris.

O Movimento, S. Manoel do Paraizo.

O Conservador, Nazareth.

O Arauto, Campinas.

O Normalista, organ do Gremio da Escola Normal de Botucatu.

O Indaiatubano, Indaiatuba.

Monitor Sul Mineiro, Cidade de Campanha.

Revista de la Universidad, Tegucicalpa.

La Revista Coloniale, publicação quinzenal, illustrada — S.

Paulo.

Museu Social Argentino, Buenos Ayres.

Diario Oficial, S. Paulo.

A Directoria Geral da Instrucção Publica tem a seu cargo a redacção da *Revista*, que voltou a ser editada ás expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboração com este endereço :

Redacção da Revista de Ensino,

Directoria Geral da Instrucção Publica,

Rua Ipiranga n. 24

S. Paulo.

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado.

Recebem-se collaborações para o seguinte numero.

A' venda — collecções completas, doze annos, oito volumes :

Encadernação superior	50\$000
Meia encadernação	40\$000
Em brochura	35\$000
Em fasciculos	25\$000

Registrado, pelo correio, mais 5\$000.

Pedidos á *Associação Beneficente do Professorado*, rua das Flores 9-A, ou ás livrarias *Francisco Alves & Comp*, rua de S. Bento e *Duprat e Comp.*, rua direita — Capital.